



CRB

Quadro programático da CRB para o triênio 2016-2019

HORIZONTE

Como VRC em processo de transformação, conscientes da crise política-ética-social-econômica no Brasil, cremos que Deus está fazendo coisas novas (cf. Is 43,19). Iluminados/as pela Trindade, em comunhão com a Igreja e em sintonia com a CLAR, sentimo-nos convocados/as a viver "em saída" e a tecer relações de misericórdia, com palavras, gestos e atitudes humanizadoras, priorizando os empobrecidos e vulneráveis, as juventudes e a ecologia integral. Pelas trilhas da mística e da profecia e da esperança criativa, visamos fidelidade ao projeto de Deus.

PRIORIDADES

* Integrar mística e profecia

Fortalecer a integração entre mística e profecia, com o coração ardente e pés de peregrino/a, de olhos abertos e ouvidos atentos às novas fronteiras de missão, acolhendo os impulsos do Espírito, no seguimento missionário de Jesus.

* Relações humanizadoras e solidárias

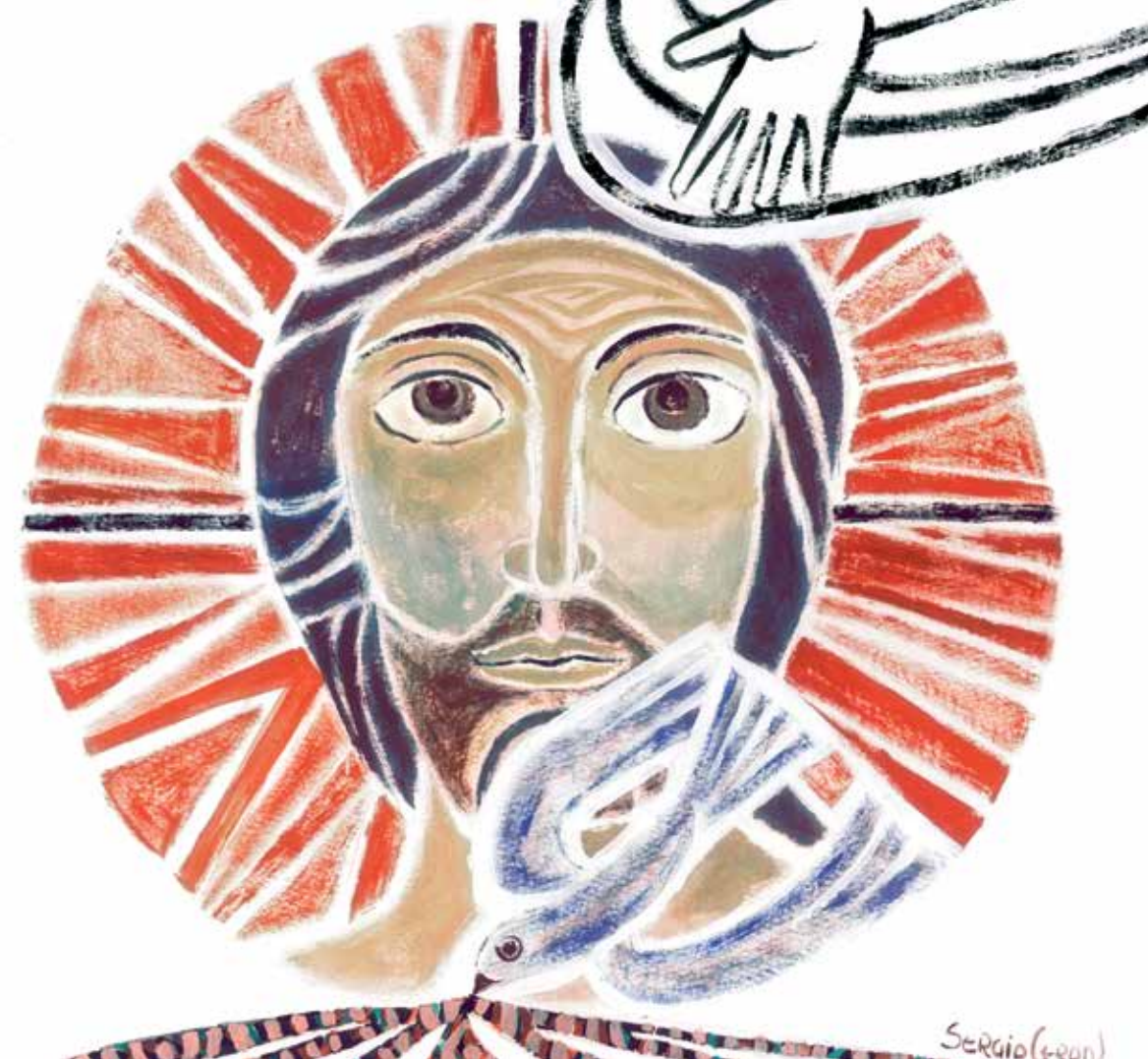
Intensificar a cultura do encontro consigo, com o/a outro/a, com a criação e com Deus, para que as relações comunitárias, intergeracionais, interculturais e intergeracionais sejam circulares, afetivas, solidárias, vivendo os valores da comunhão, gratuidade, proximidade e misericórdia.

* Missão com opção preferencial pelos pobres

Revigorar a opção preferencial pelos pobres, vulneráveis e excluídos, com um estilo de vida simples, assumindo a defesa da vida onde está mais ameaçada, em compromisso com os movimentos sociais, o processo democrático, a justiça social, as fronteiras existenciais, o diálogo intercultural e inter-religioso e a ecologia integral.

* Intercongregacionalidade

Fomentar a partilha de Carismas dos/as Consagrados/as entre si e com leigos/as, numa eclesiologia sinodal de comunhão e de corresponsabilidade, incentivando ações intercongregacionais e em redes, o protagonismo das Novas Gerações e a promoção geracional.



Convergência

OUTUBRO 2016
ANO LI • Nº 495

História de uma
vida: comunidade
intercongregacional

O Religioso-Irmão:
uma maneira de
viver a fraternidade
de Jesus

Que questões o
mundo da mídia
coloca para os
religiosos enquanto
evangelizadores?

Um desafio
profético para a VRC:
estar a serviço da
vida e da saúde



Convergência

OUTUBRO 2016
ANO LI • Nº 495

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



Convergência ISSN 0010-8162

DIRETORA: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
EDITOR: Irmão Lauro Daros, fms
REDATORA: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

CONSELHO EDITORIAL: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
João Edênio Valle, svd

PROJETO GRÁFICO: Manuel Rebelato Miramontes
COORDENAÇÃO DE REVISÃO: Marina Mendonça
REVISÃO: Mônica Elaine G. S. Costa
IMPRESSÃO: Gráfica de Paulinas Editora
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Sergio Ceron

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

Testemunhas de misericórdia 653

Mensagem do Papa

Mensagem para o Dia Mundial das Missões:
testemunhas de misericórdia 656

Rosto Misericordioso do Pai

Rosto da misericórdia do Pai
RITA FERNANDES BARBOSA 661

Biografia dos mártires

A defesa da criação: Dorothy Stang, primeira freira mártir
pelo cuidado da “casa comum”
CLARA TEMPORELLI 667

Informes

Congregação das Irmãs de São José de Chambéry
IRMÃ DOMINGAS ZOLET 672

História de uma vida: comunidade intercongregacional
IRMÃ MARIA GORETH RIBEIRO 675

Artigos

O Religioso-Irmão: uma maneira de viver
a fraternidade de Jesus
IRMÃO JOSÉ MARIA FERRE 683

Que questões o mundo da mídia coloca para nós,
religiosos e religiosas, enquanto evangelizadores?
JOANA T. PUNTEL 697

Um desafio profético para a VRC: estar a serviço
da vida e da saúde
MARISA INÊZ MÓSENA E LEO PESSINI 718

“Igreja missionária, testemunha de misericórdia” é o título da mensagem do Santo Padre para o Dia Mundial das Missões, a ser celebrado no terceiro domingo de outubro.

Reza o Papa: “Que o Espírito Santo dê força a todos os missionários *ad gentes* e apoie a missão da Igreja no mundo inteiro. E que o Espírito Santo nos dê jovens – meninas e rapazes – fortes, que tenham vontade de anunciar o Evangelho”.

A seção Rosto Misericordioso do Pai traz o testemunho da Irmã Rita Fernandes Barbosa, que vive em Burkina Faso, no qual diz que ser o rosto misericordioso do Pai “significa situar-me e intencionalmente valorizar mais o *como* faço, o que está ao meu alcance, em ser presença e acolhida, muito mais do que fazer”.

Clara Temporelli apresenta Dorothy Stang como a primeira freira mártir pelo cuidado da “casa comum”. Para a autora, “a Irmã Dorothy Stang entregou sua vida e encarnou a encíclica do Papa Francisco, *Laudato Si'*.[...] O impacto de sua figura é grande e crucial. Sua memória e obra continuam sendo fonte de compromisso e inspiração. A projeção de seu martírio é relevante e tem se tornado para a Igreja Católica símbolo da nova pastoral que incide sobre a sustentabilidade ecológica”.

Irmã Domingas Zolet resume a história da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, que nasceu no coração da França, completando em 2016 trezentos e sessenta e seis anos de história e vida em missão nos cinco continentes!

654

“As Irmãs de São José vieram da França para o Brasil especialmente em três grandes grupos: 1850 para São Paulo; 1896 para o Paraná e 1898 para o Rio Grande do Sul.”

Irmã Maria Goreth Ribeiro, que integra a comunidade intercongregacional no Haiti, narra a sua vocação para intercongregacionalidade como uma das mais belas possibilidades missionárias. Ela expressa: “Deus não faz nada por acaso, ele nos vai preparando, abrindo caminhos, suscitando desejos, abrindo interrogações. Não existe caminho, pouco a pouco o caminho se faz, Deus foi chegando de mansinho. Deus tem seus caminhos, só precisamos estar abertas e atentas aos seus sinais, mantendo-nos centradas em Jesus Cristo, deixando-nos evangelizar pelos que sofrem”.

De 7 a 9 de outubro de 2016, acontece em Curitiba o IV Seminário de Religiosos Irmãos da CRB Nacional. Ir. José Maria Ferre oferece o texto “O Religioso-Irmão: uma maneira de viver a fraternidade de Jesus”. Escreve o Irmão: “O artigo apresenta a realidade do Religioso-Irmão como vocação completa dentro da Igreja... Dado que essa vocação nem sempre foi compreendida, são oferecidas explicações, desafios a enfrentar e ícones evangélicos que a expliquem. O artigo conclui apresentando as riquezas e as possibilidades que a vocação do Religioso-Irmão encerra”.

De 26 a 28 de outubro 2016, realiza-se, em Brasília, o V Encontro Internacional de Revistas da VC. O evento acontece de dois em dois anos, com o objetivo de impulsionar o trabalho em rede das Revistas da VC. Irmã Joana Puntel, em artigo excelente e esclarecedor, apresenta as questões que a mídia coloca para nós, religiosos, enquanto evangelizadores. Convida a VRC a verificar como está desenvolvendo a sua evangelização. Pergunta: “Em que modelo nos ‘fixamos’ ou estacionamos, enquanto o mundo da mídia avança a passos largos e aciona uma reviravolta na cultura?”.

No contexto do Ano da Misericórdia, Marisa Mósena e Leo Pessini refletem sobre “Um desafio profético para a

655

VRC: estar a serviço da vida e da saúde”. Os autores exprimem que Deus “nos coloca diante da vida ferida, ameaçada, desprezada, banalizada. Dessa forma, a Vida Religiosa Consagrada assume fazendo ‘sua’ a concretização do Evangelho da vida, tendo como prioridade o cuidado da vida e da saúde, consciente de que ‘os doentes são a pupila dos olhos de Deus’ (S. Camilo)”.

Irmão Lauro Daros, marista

Mensagem para o Dia Mundial das Missões

Testemunhas de misericórdia

“Igreja missionária, testemunha de misericórdia” é o título da mensagem do Santo Padre para o Dia Mundial das Missões, a ser celebrado no terceiro domingo de outubro. No *Regina Coeli* deste domingo de Pentecostes, o Papa Francisco falou sobre a mensagem aos presentes: “Hoje, no contexto muito apropriado de Pentecostes, é publicada a minha mensagem para o próximo Dia Mundial das Missões, celebrado cada ano no mês de outubro. Que o Espírito Santo dê força a todos os missionários *ad gentes* e apoie a missão da Igreja no mundo inteiro. E que o Espírito Santo nos dê jovens – meninas e rapazes – fortes, que tenham vontade de anunciar o Evangelho. Peçamos isto hoje ao Espírito Santo”.

Eis na íntegra o texto da Mensagem:

Queridos irmãos e irmãs!

O Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que a Igreja está vivendo, proporciona uma luz particular também ao Dia Mundial das Missões de 2016: convida-nos a olhar a missão *ad gentes* como uma grande, imensa obra de misericórdia, quer espiritual, quer material. Com efeito, neste Dia Mundial das Missões, todos somos convidados a “sair”, como discípulos missionários, pondo cada um a render os seus talentos, a sua criatividade, a sua sabedoria e experiência para levar a mensagem da ternura e compaixão de Deus à família humana

inteira. Em virtude do mandato missionário, a Igreja tem a peito quantos não conhecem o Evangelho, pois deseja que todos sejam salvos e cheguem a experimentar o amor do Senhor. Ela “tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho” (Bula *Misericordiae Vultus*, 12), e anunciá-la em todos os cantos da terra, até alcançar toda mulher, homem, idoso, jovem e criança.

A misericórdia gera íntima alegria no coração do Pai, sempre que encontra cada criatura humana; desde o princípio, ele dirige-se amorosamente mesmo às mais vulneráveis, porque a sua grandeza e poder manifestam-se precisamente na capacidade de empatia com os pequenos, os descartados, os oprimidos (cf. Dt 4,31; Sl 86,15; 103,8; 111,4). É o Deus benigno, solícito, fiel; aproxima-se de quem passa necessidade para estar perto de todos, sobretudo dos pobres; envolve-se com ternura na realidade humana, tal como fariam um pai e uma mãe na vida dos seus filhos (cf. Jr 31,20). É ao ventre materno que alude o termo utilizado na Bíblia hebraica para dizer misericórdia: trata-se, pois, do amor de uma mãe pelos filhos; filhos que ela amará sempre, em todas as circunstâncias, suceda o que suceder, porque são fruto do seu ventre. Este é um aspecto essencial também do amor que Deus nutre por todos os seus filhos, especialmente pelos membros do povo que gerou e deseja criar e educar: perante as suas fragilidades e infidelidades, o seu íntimo comove-se e estremece de compaixão (cf. Os 11,8). Mas ele é misericordioso para com todos, o seu amor é para todos os povos e a sua ternura estende-se sobre todas as criaturas (cf. Sl 144,8-9).

A misericórdia encontra a sua manifestação mais alta e perfeita no Verbo encarnado. Ele revela o rosto do Pai, rico em misericórdia: “não somente fala dela e a explica com o uso de comparações e parábolas, mas sobretudo ele próprio a encarna e a personifica” (João Paulo II, Enc. *Dives in misericordia*, 2). Aceitando e seguindo Jesus por meio do Evangelho e dos sacramentos, com a ação do Espírito Santo,

podemos tornar-nos misericordiosos como o nosso Pai celestial, aprendendo a amar como ele nos ama e fazendo da nossa vida um dom gratuito, um sinal da sua bondade (cf. Bula *Misericordiae Vultus*, 3). A primeira comunidade que, no meio da humanidade, vive a misericórdia de Cristo é a Igreja: sempre sente sobre si o olhar dele que a escolhe com amor misericordioso e, desse amor, ela deduz o estilo do seu mandato, vive dele e o dá a conhecer aos povos num diálogo respeitoso com cada cultura e convicção religiosa.

Como nos primeiros tempos da experiência eclesial, há tantos homens e mulheres de todas as idades e condições que dão testemunho desse amor de misericórdia! Sinal eloquente do amor materno de Deus é uma considerável e crescente presença feminina no mundo missionário, ao lado da presença masculina. As mulheres, leigas ou consagradas – e hoje também numerosas famílias –, realizam a sua vocação missionária nas mais variadas formas: desde o anúncio direto do Evangelho ao serviço sociocaritativo. Ao lado da obra evangelizadora e sacramental dos missionários, aparecem as mulheres e as famílias que entendem, de forma muitas vezes mais adequada, os problemas das pessoas e sabem enfrentá-los de modo oportuno e por vezes inédito: cuidando da vida com uma acrescida atenção centrada mais nas pessoas do que nas estruturas e fazendo valer todos os recursos humanos e espirituais para construir harmonia, relacionamento, paz, solidariedade, diálogo, cooperação e fraternidade, tanto no setor das relações interpessoais como na área mais ampla da vida social e cultural, e, de modo particular, no cuidado dos pobres.

Em muitos lugares, a evangelização parte da atividade educativa, à qual o trabalho missionário dedica esforço e tempo, como o vinhateiro misericordioso do Evangelho (cf. Lc 13,7-9; Jo 15,1), com paciência para esperar os frutos depois de anos de lenta formação; geram-se assim pessoas capazes de evangelizar e fazer chegar o Evangelho onde

ninguém esperaria vê-lo realizado. A Igreja pode ser definida “mãe”, mesmo para aqueles que poderão um dia chegar à fé em Cristo. Espero, pois, que o povo santo de Deus exerça o serviço materno da misericórdia, que tanto ajuda os povos que ainda não conhecem o Senhor a encontrá-lo e a amá-lo. Com efeito, a fé é dom de Deus, e não fruto de proselitismo; mas cresce graças à fé e à caridade dos evangelizadores, que são testemunhas de Cristo. Quando os discípulos de Jesus percorrem as estradas do mundo, é-lhes pedido aquele amor sem medida que tende a aplicar a todos a mesma medida do Senhor; anunciamos o dom mais belo e maior que ele nos ofereceu: a sua vida e o seu amor.

Cada povo e cultura tem direito de receber a mensagem de salvação, que é dom de Deus para todos. E a necessidade dela redobra ao considerarmos quantas injustiças, guerras, crises humanitárias aguardam, hoje, por uma solução. Os missionários sabem, por experiência, que o Evangelho do perdão e da misericórdia pode levar alegria e reconciliação, justiça e paz. O mandato do Evangelho – “Ide, pois, fazer discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Mt 28,19-20) – não terminou, antes, pelo contrário, impele-nos a todos, nos cenários presentes e desafios atuais, a sentir-nos chamados para uma renovada “saída” missionária, como indiquei na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*: “cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (n. 20).

Precisamente neste Ano Jubilar, celebra o seu nonagésimo aniversário o Dia Mundial das Missões, promovido pela Pontifícia Obra da Propagação da Fé e aprovado pelo Papa Pio XI em 1926. Por isso, considero oportuno recordar as sábias indicações dos meus Predecessores, estabelecendo

que fossem destinadas a esta *Opera* todas as ofertas que cada diocese, paróquia, comunidade religiosa, associação e movimento, de todo o mundo, pudesse recolher para socorrer as comunidades cristãs necessitadas de ajuda e revigorar o anúncio do Evangelho até aos últimos confins da terra. Também nos nossos dias, não nos subtraíamos a este gesto de comunhão eclesial missionário; não restrinjamos o coração às nossas preocupações particulares, mas alarguemo-lo aos horizontes da humanidade inteira.

Santa Maria, ícone sublime da humanidade redimida, modelo missionário para a Igreja, ensine a todos, homens, mulheres e famílias, a gerar e guardar por todo lado a presença viva e misteriosa do Senhor Ressuscitado, que renova e enche de jubilosa misericórdia as relações entre as pessoas, as culturas e os povos.

O que significa ser o rosto misericordioso do Pai com as pessoas a quem me dedico?

Partilhar, a partir da experiência, sobre ser presença do Rosto Misericordioso do nosso Deus, é um grande desafio, mas também uma oportunidade. Tentamos fazer com a convicção de que *pisamos em Terra Sagrada* e de que Deus é bom, misericordioso e *está* caminhando com este povo, desde sempre. Fazemos com *respeito e simplicidade*, a partir do cotidiano e da história da evangelização deste país; da consciência de que “sou hóspede na casa dos outros”; que recebo e posso testemunhar a presença do rosto misericordioso de Deus, mais do que eu posso ser e dar. E me sinto profundamente agradecida pela paciência e acolhida, pelo sentido de família, do diálogo intercultural e inter-religioso, que expressa esse rosto de Deus.

Situo-me em Gourcy, Burkina Faso, África do Oeste, para onde fui enviada por um período de quatro a cinco anos. É um dos países mais pobres de África e do mundo, também pela carência de recursos naturais. A população é 70% analfabeta. As pessoas, com a sua cultura e sentido de dignidade, são a maior riqueza. Em média, 60% da população é muçulmana, 25% é cristã, católica e protestante, e o restante da religião tradicional. Também em nosso colégio a maioria dos alunos é muçulmana. Em meio a esta riqueza, que é fonte de vida e sentido, há fortes contradições culturais, não geradoras de vida. A situação da mulher e das crianças, com a excisão das meninas; o casamento forçado e a poligamia, além de outros mecanismos de exclusão, como, por exemplo, a acusação de mulheres como feiticeiras.

O que significa ser presença do rosto misericordioso do Pai com as pessoas com as quais convivemos e nos dedicamos?

Para mim significa acolher os meus próprios limites e a realidade também como possibilidade. Pois não falo bem a língua oficial, o francês, e não sei falar a língua local, moré, da etnia mossi.

A partir dessa experiência de deserto, como viver com sentido e ser boa notícia para os demais? Significa situar-me e intencionalmente valorizar mais o *como faço, o que está ao meu alcance, em ser presença e acolhida, muito mais do que fazer*. Pois faltam “palavras” para me expressar e trabalhar a partir da minha experiência e formação em pedagogia e teologia. No colégio acompanho os alunos em seus estudos e trabalhos na biblioteca. Como SER presença do rosto misericordioso de Deus a partir deste cotidiano? Através dessas horas de estudo e a partir da biblioteca, tenho contato direto com todos os alunos. *E sou testemunha da força da acolhida, do respeito e interesse sincero em cada pessoa*. A acolhida e o respeito, realmente, marcam as pessoas, desarmam e aproximam, falam por si mesmos. Também em mim! Alguma vez você fez esta experiência da misericórdia de Deus, a partir da maneira que foi acolhida/o? Ou constatou que outros se sentiram tocados por Deus a partir de sua maneira de acolher? Acolher e valorizar cada pessoa como única e querida por Deus é atitude que nos possibilita expressar o rosto misericordioso de Deus.

Jesus de Nazaré, através de sua palavra, gestos, opções, vida, revela a presença misericordiosa de nosso Deus. “Quem me vê, vê o Pai.” Como pensar o chamado e o envio de cada um/a de nós para continuar a missão de Jesus, sem contemplar e acolher o mistério do Deus Misericordioso e pleno de amor? Tocamos os nossos limites e os limites da história, e também de nossa Igreja. Por isso somos convidadas/os a aprender a mergulhar na nossa própria realidade e fazer experiência da misericórdia do Deus de Jesus, que

nos busca como uma mãe, desde sempre. E a manifestar o seu rosto em nossa maneira de SER, naquilo que fazemos.

Além do colégio, estamos presentes e trabalhamos na Pastoral com jovens, no catecumenato e na catequese de jovens e adultos, em francês, pois a maioria das Irmãs da comunidade é estrangeira e não fala a língua nativa. Os nossos alunos e suas famílias são pobres, mas existem outras pessoas mais pobres ainda, especialmente mulheres, idosos e idosas, doentes, cegos, aleijados e doentes mentais, que dependem da caridade dos outros. Dedicamo-nos e visitamos também essas pessoas que não podem sair de casa. O Sr. Agostinho, vigia noturno da escola, que conhece bem as pessoas do bairro, me acompanha e faz a tradução do pequeno diálogo e das orações que temos com essas pessoas. Visitamos pessoas de todas as religiões. Vocês não podem imaginar a alegria e acolhida que provocam estas simples visitas! As pessoas se sentem valorizadas. Cada casa e cada pessoa são realmente terra sagrada. Sem falar de Deus, eles sentem e sabem que consagramos nossa vida a Deus. Percebe-se que, através desses gestos, reconhecem a presença amorosa e misericordiosa do Deus a quem consagramos a nossa vida. São pessoas profundamente religiosas, independentemente da religião a que pertencem. Eu penso que, no fundo, acreditam que seguimos o mesmo Deus, bom e misericordioso. Quando a nossa Irmã Rose fez os votos, vieram muitos familiares muçulmanos, que são polígamos. Eu perguntei o que eles pensam sobre ela, optando pela Vida Religiosa Consagrada. Eles dizem que se é consagração a Deus, é bom, e se alegram por isso.

As crianças com as quais nos encontramos e saudamos, acolhemos, tocamos, damos atenção, sentem-se valorizadas e amadas. Eu caminho algumas vezes por semana pelas ruas e veredas de Gourcy. Atualmente tenho dificuldade de fazer essa caminhada, pois as crianças correm para saudar e serem acolhidas, tocadas. Elas me chamam “nazara”, que significa branca. Não pedem nada, somente um pouco de atenção.

Aprender a acolher a realidade, a cultura e o modo de viver, com seus valores e contradições, e as pessoas como

irmãs e irmãos, filhas/os de Deus, é condição para perceber e reconhecer os seus valores e a presença desse Deus, que nos antecipa em todas as realidades e situações.

E como ser presença da misericórdia de Deus na superação das diferentes formas de discriminação e exclusão presentes na cultura e nos costumes?

Jesus manifesta um Deus que se coloca do lado das vítimas e vem para libertar. “Eu vi a miséria do meu povo, ouvi o seu clamor e desci para libertá-lo...” (Ex 3,7-8). Além da situação de pobreza, em geral, a situação da mulher e das crianças clama a Deus e conseqüentemente a nós, seguidoras e seguidores deste Deus da vida: a excisão feminina continua sendo uma prática que gera muito sofrimento e até morte de crianças e adolescentes; o casamento forçado, onde a mulher é tratada como objeto de troca, pois o homem paga um dote para o pai da jovem; mulheres são acusadas de ser feiticeiras, portadoras do mal, justificando assim sua exclusão total da família e do lugar onde habitam. Isto ocorre em muitas situações, quando a família do marido não aceita a mulher, ou quando o marido morre e deixa bens que por direito pertencem à mulher; então o recurso que a família do homem utiliza para se apropriar desses bens é acusá-la de feiticeira. Esta é a maneira mais simples de excluí-la, sem os filhos e sem nada. A mulher fica discriminada pela sociedade e vai viver de esmola. É realmente uma situação triste e dolorosa.

A Igreja de Burkina Faso sempre denunciou e conscientizou da necessidade de superar essas práticas contraditórias ao Evangelho, além de criar estruturas e meios para apoiar e ajudar essas mulheres excluídas. Atualmente, a *Comissão de Justiça, Paz e Integridade da Criação* prioriza este trabalho, além de outros. Tentamos fazer algo em conjunto com as estruturas de trabalho social do Estado e outras Organizações e Igrejas. Mas são assuntos complexos, que tocam a intimidade pessoal e da família. É impressionante a força da

cultura e dos costumes sobre a consciência das pessoas. Mas aí estamos presentes e fazendo o pouco que está ao nosso alcance. É uma situação complexa e um grande desafio ser presença e agir de forma eficaz.

Desde os primórdios da evangelização em Burkina Faso, no fim do século XIX e início do século XX, este rosto de Deus, bom, misericordioso e libertador, esteve muito presente. Os Missionários e Missionárias de África, Padres Brancos, vieram com certa autonomia em relação às estruturas do colonizador. E o fizeram com uma visão “libertadora” e de respeito. Partiram da realidade, fazendo o esforço de se aculturar, conviver e aprender com o povo, para inculturar o Evangelho. Aprenderam a língua local, fizeram os primeiros escritos em moré, prepararam catequistas, e estes foram, de fato, os verdadeiros colaboradores no trabalho de evangelização, e continuam sendo atualmente.

Como estes missionários foram o rosto misericordioso de Deus na evangelização de Burkina Faso?

- Eles vieram como protagonistas da campanha antiescravista, liderada pelo seu fundador, o Cardeal Lavignerie. A escravidão é prática entre diferentes grupos e etnias em certas regiões da África. Além de procurar influenciar as autoridades locais para a superação da escravidão, eles faziam tudo que podiam para libertar os escravos.
- Com a chegada das Irmãs Missionárias de Nossa Senhora da África, eles/as fundaram casas para acolher as mulheres acusadas de serem feiticeiras, consideradas portadoras de maus espíritos e, conseqüentemente, excluídas e discriminadas pela família e pela sociedade em geral. Esta prática continua, como também os centros de acolhida.
- Fundaram Congregações autóctones e colaboraram com a sua formação e organização. Em Burkina Faso foram fundadas três Congregações femininas; cada uma possui entre 150 e 450 membros.

- Trabalharam contra a prática da excisão e do casamento forçado. Conhecemos várias mulheres que fugiram do casamento forçado e foram excluídas da família. Encontraram abrigo e uma nova família na casa de catequistas, de católicos praticantes e em centros de acolhida da Igreja.

Em Jesus contemplamos o rosto misericordioso de Deus, que somos chamadas a acolher e ser para os demais. “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres: para proclamar um ano de graça do Senhor (Lc 4,18-19).

Viver essa dinâmica e sentido, para mim, continua sendo um aprendizado para toda a vida.

*Rita Fernandes Barbosa**

* **Rita Fernandes Barbosa**, STJ, pertence à Companhia de Santa Teresa de Jesus, Congregação de origem espanhola. Chegou a Gourcy, Burkina Faso, em junho de 2013. Ofereceu-se, por quatro ou cinco anos, para uma missão da Companhia de Santa Teresa de Jesus, num contexto pobre que mais necessitasse de pessoal. A Coordenadora Geral, então, enviou-a a Burkina Faso, onde a Congregação está presente desde abril de 2016, assumindo a missão no âmbito da educação formal. Além de um colégio que educa alunos do sexto ao nono ano letivo, num país onde 70% da população é analfabeta, atua na Pastoral, atendendo pessoas doentes, idosas e jovens, no catecumenato e na catequese de jovens e adultos que falam a língua francesa.

A defesa da criação

Dorothy Stang, primeira freira mártir pelo cuidado da “casa comum”

A Irmã Dorothy Stang entregou sua vida e encarnou a encíclica do Papa Francisco *Laudato Si'* (julho de 2015), inspirada no Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis. Texto que, partindo do que se passa na nossa casa (n. 17-61; 20-22; 27-52), nos convida a deixar “um planeta habitável para a humanidade que nos sucederá” (n. 160).

Dorothy foi uma religiosa da Congregação Notre Dame de Namur, que se dedicou durante quarenta anos à evangelização em Anapu, paróquia do Pará. Destacou-se pela promoção do desenvolvimento comunitário e pela defesa da floresta contra o desmatamento e a aniquilação da comunidade amazônica (cf. *Laudato Si'*, n. 36-38). Por essa causa, aos 73 anos, foi assassinada.

O impacto de sua figura é grande e crucial. Sua memória e obra continuam sendo fonte de compromisso e inspiração. A projeção de seu martírio é relevante e tem se tornado para a Igreja Católica símbolo da nova pastoral que incide sobre a sustentabilidade ecológica. É a primeira vez na história que o Vaticano reconhece a imolação de uma pessoa em defesa do meio ambiente como “ato heróico de fé”, como “mártir da fé”¹.

Embora neste caso a justiça tenha atuado, condenando seus assassinos, a violência, a destruição da floresta e a extrema pobreza continuam. Também as Irmãs de Notre Dame de Namur, apesar do perigo, da destruição, das ameaças, dos crimes, continuam sua entrega em Anapu.

Dorothy intuiu que a Espiritualidade da Criação sustenta a luta pela justiça. Participou em cursos dados pelo Instituto de Cultura e de Espiritualidade da Criação (a Encíclica reservará um bom espaço ao “Evangelho da Criação” [n.

¹ Roberto Malvezzi, 23 de abril de 2006.

76-100]), “pois a criação tem a ver com um projeto do amor de Deus” (n. 76). Aqueles que se envolviam com ela eram atraídos por sua familiaridade, por seu amor à dança, na qual viu um reflexo das energias vitais com que o Criador adorna suas criaturas. A partir destas vivências sentiu-se cada vez mais livre, mais relaxada, mais em contato consigo mesma e com Deus. Seus familiares a encontravam cada vez mais alegre, apaixonada, criativa. Ela estava determinada a lutar por salvaguardar a criação, pela ecologia ambiental, porém também cuidava da ecologia de seu coração, o que o Papa proporá como uma “ecologia integral” (n. 137.216): “hoje não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica se torna sempre uma abordagem social, que deve integrar a justiça nas discussões sobre o ambiente, para escutar tanto o grito da Terra como o grito dos pobres” (n. 49).

Depois acrescenta: “o gemido da irmã Terra une-se ao gemido dos abandonados do mundo” (n. 53). Isto cobre todos os campos, o ambiental, o social, o cultural e a vida cotidiana (n. 147-148). É preciso vivê-la a partir de um equilíbrio ecológico “... consigo mesmo... com os outros... com todos os seres vivos e... com Deus” (n. 210). Com esta postura interior, em 1992, Dorothy Stang participou da histórica Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Considerava que não levar em conta a gravidade da não renovação dos recursos naturais equivalia a agravar e tornar mais opressora a “estrutura do pecado”, confirmando com ações egoístas do mal no mundo, proclamando o desinteresse pela vida e pela morte das pessoas. Também Francisco afirma que os poderes deste mundo “pensam que tudo pode continuar como está”, e “manter seus hábitos autodestrutivos” (n. 59), com “um comportamento que parece suicida” (n. 55); “o certo é que o atual sistema mundial é insustentável a partir de diversos pontos de vista [...], perdemos na construção de meios destinados à acumulação ilimitada à custa da injustiça ecológica e da injustiça social. A humanidade tem desapontado as expectativas divinas” (n. 61).

Em cartas a seus amigos, Dorothy explana estes conceitos a partir da realidade que a rodeia:

Trabalho com pessoas que vivem à margem da sociedade. Elas me ajudam a renovar a terra que tanto nos preocupa. Todos somos parte de uma grande unidade.

Estamos na terra somente por algumas décadas. Cada dia temos de levar alegria e não dor à nossa terra tão cheia de angústias.

Como as plantas morrem e voltam a viver, assim também nós, cada dia temos de repousar de tudo quanto tenhamos realizado durante o dia para voltar a começar quando volta a renascer o sol. Devemos ajudar as pessoas a terem uma relação com a Mãe Terra que seja terna e gentil. É um dom de Deus poder viver de maneira intensa como parte do universo cósmico.

Juntos podemos com muito esforço levar a paz, interesse, alegria e amor ao mundo que está desviando seu olhar, deixando de ver a estrela que nos guia: a bondade do verdadeiro Deus.

Dorothy compreendeu que a floresta tropical, também chamada pulmão da Terra, desempenha um papel fundamental no intercâmbio de gases entre a biosfera e a atmosfera. Sua dor cresceu à medida que foi testemunhando a destruição deste recurso natural vital para sua gente e o futuro do planeta. Viu a floresta e seus povos serem saqueados por ganâncias financeiras, pelas operações de extração ilegal de madeira, por especuladores de terras² e criadores de gado.

Observou que líderes políticos permitiam a destruição contínua. A proteção da floresta amazônica, mediante o fomento de técnicas de agricultura sustentável, era uma ameaça para todos eles. Como resultado de sua tarefa, latifundiários e políticos falavam abertamente de se livrarem dela.

Anualmente, um terço das mortes da região é causado por pessoas contratadas para assassinar os que se opõem à extração e à queimada da floresta, a fim de que os campos de soja possam s-23 (E)-14.1 (s)-10 (a)-240o e à4.6 (s)-14.211 (u q)2.1Jó0 Tw 4san

Desenvolvimento Sustentável “A Esperança”; levavam alimentos e a Palavra de Deus. Na metade do caminho, dois pistoleiros as interceptaram. Proferiram-lhes graves ameaças, ante as quais Dorothy simplesmente levantou para o alto a Bíblia, mostrando-a como gesto de paz, e começou a ler as Bem-aventuranças. Então um deles disparou um tiro; a acompanhante saiu correndo para a floresta. O primeiro disparo foi na cabeça e a derrubou ao solo. Dos seis tiros recebidos, três foram fatais e simbólicos. Uma bala atingiu o cérebro, outra seu coração e outra seu útero. Quiseram eliminar o pensar, o amor e o atuar desta mulher. Seu cérebro, seu coração e seu útero eram uma ameaça para o modelo desumano de desenvolvimento praticado na Amazônia.

Dois anos antes, Dorothy havia declarado: “As companhias florestais trabalham com uma lógica de ameaças. Elas elaboram uma lista de líderes e em seguida aparecem figuras para eliminar essas pessoas. Se eu chego a receber uma bala, saberão exatamente quem o fez”.

Fazendeiros e madeireiros celebraram com fogos de artifício e cerveja a morte de Dorothy. Nessa faixa amazônica do Pará, essas pessoas têm imposto a violência e o terror para defender seus interesses.

Através de sua vida, constatamos a existência de paradigmas por cuja defesa a existência das pessoas é ameaçada e destruída. Trata-se de integrar a espécie humana na natureza e não afastá-la, como se se encontrasse acima e não em equilíbrio com ela. Uma natureza empobrecida empobrece a espécie humana, de tal modo que para defender a vida humana também é preciso defender toda a biosfera. Isto é bem conhecido pelos povos primitivos, que sabem que sua vida depende da boa relação com a natureza, e por este motivo é necessário respeitá-la. Todo ser humano precisa aprender a administrá-la, respeitando seus ciclos, seus limites, e a sustentabilidade de produção a longo prazo.

Ecologia, justiça e paz são inseparáveis. Estes paradigmas implicam uma mudança radical no sistema econômico, na mentalidade dos chefes de Estado e dos cidadãos; uma mudança na produção que respeite a natureza e a recrie, uma

relação de comunhão com ela e de amor às futuras gerações que têm direito de desfrutá-la e de obter os benefícios necessários para viver com dignidade; um amor à Mãe Terra, que está em estreita relação com Deus, verdadeira Fonte de Vida do Universo inteiro, posto a serviço da felicidade de toda a humanidade, sem exceções.

Parece incrível que, devido à cobiça, à ambição e ao afã de riqueza de uns poucos, se mobilizam forças de destruição que acabam com vidas que somente buscam o bem, incluídos os assassinos e seus descendentes, que causam fome e suas consequências a milhões de pessoas, sendo que a natureza e a criatividade humana contam com possibilidades para erradicar a fome neste mundo.

Com Dorothy e Francisco afirmamos a necessidade de buscar “um novo começo” (n. 207), uma “conversão ecológica” (n. 216), “uma cidadania ecológica” (n. 211), “um novo estilo de vida baseado no cuidado, na compaixão, na sobriedade partilhada, na aliança entre a humanidade e o ambiente, pois ambos estão umbilicamente ligados na corresponsabilidade por tudo o que existe e vive e por nosso destino comum” (n. 203-208).

A morte de Dorothy e a Encíclica recobram sentido se “caminhamos cantando”; se “nossas lutas e nossas preocupações por este Planeta não nos tiram a alegria da esperança” (n. 244); se “nosso tempo se recorda da [...] firme resolução de alcançar a sustentabilidade, por acelerar a luta pela justiça e pela paz, e pela alegre celebração da vida” (n. 207).

Clara Temporelli*

* Fonte: <http://blog.cristianismejusticia.net/?p=12960&lang=es>; secretaria.general@sanpablo.com.ar.

Congregação das Irmãs de São José de Chambéry

A Congregação nasceu no coração da França, completando em 2016 trezentos e sessenta e seis anos de história e vida em missão nos cinco continentes! Uma vida enfrentando as turbulências de muitas guerras, confiscos de bens, expulsão de alguns países e chamadas a outros! Milhares de vidas doadas gota a gota e outras sofrendo martírio sangrento e cruel, junto com tantas pessoas fiéis a Deus e a seu Projeto!

Uma Congregação feita de tantos passos precisa estar sempre alerta aos desafios dos tempos e buscar respostas adequadas em fidelidade a seu carisma de unidade.

A Revolução francesa cortou a frondosa árvore da Congregação quase pela raiz. Mas poucos anos depois ela brotou mais forte, exuberante. As revoluções de momento, sem dúvida cruéis, ajudaram a espalhar ainda mais a “semente da Unidade” em todos os continentes!

As Irmãs de São José vieram da França para o Brasil especialmente em três grandes grupos: 1850 para São Paulo; 1896 para o Paraná e 1898 para o Rio Grande do Sul.

A semente lançada em terras brasileiras encontrou solo fértil. Muitas jovens de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul entraram na Congregação já nos primeiros anos de sua chegada ao Brasil. E logo as Irmãs se espalharam por quase todos os estados do Brasil e, mais recentemente, na Bolívia e em alguns países da África.

Hoje, mergulhadas numa realidade cada vez mais articulada em redes, as Irmãs de São José (ISJ) sentem-se desafiadas a apostar e crescer na unidade e comunhão, carisma que expressa sua forma de presença e missão na Igreja e no mundo.

Sendo em torno de 550 Irmãs no Brasil, fez-se sentir uma nova forma de organização. Deixar as estruturas de cinco províncias e uma região, para constituir uma província única, pareceu ser um caminho necessário.

Desde 1970, realizavam-se encontros dos conselhos, das equipes de formação, comunidades interprovinciais etc. A partilha e a reflexão indicavam que caminhos novos precisavam ser tomados para fortalecer a vida em missão da Congregação. As equipes de reflexão e articulação criadas ficaram responsáveis para agilizar o processo de integração.

Encontros, retiros, seminários de espiritualidade, reunindo Irmãs das províncias e região, foram acontecendo. Iluminadas por momentos orantes da Palavra de Deus, a situação atual da Congregação no Brasil foi avaliada com coragem e todas as Irmãs, também as mais debilitadas, sempre foram envolvidas na proposta.

A presença e a ajuda amiga e experiente de Ir. Virma Barion, carmelita de Vedruna, e a assessoria atenta do conselho geral garantiram as etapas que culminaram na desejada integração.

Em 8 de março de 2014, por voto secreto, todas as Irmãs opinaram sobre a forma de organização, sendo que 83% optaram por constituir no Brasil uma província única, tendo em vista:

- o reavivamento do carisma e fortalecimento da vida em missão;
- envolvimento e responsabilidade no assumir a vida em missão em todos os níveis;
- mais união de forças e de meios na revitalização das obras apostólicas, na saúde das Irmãs, na formação, nas comunidades de inserção em meios populares, na abertura missionária etc.;
- busca conjunta de novos caminhos para responder aos clamores dos pobres, hoje, na dinâmica da fé e do discernimento;
- fortalecimento do sentido de pertença à Congregação como corpo.

Nos dias 24 a 30 de janeiro de 2016, no CECREI – São Leopoldo/RS, 164 Irmãs, espontaneamente inscritas, participaram do Capítulo Provincial de criação da província única das Irmãs de São José de Chambéry no Brasil e da eleição da superiora provincial e conselho.

A superiora geral, Ir. Sally Hodgdon, e a conselheira geral, Ir. Ieda Tomazini, fizeram a leitura do decreto de supressão das antigas províncias e região e da criação da nova organização.

A sede da nova província é na Av. São José, n. 199 – Curitiba-PA.

Interessados/as em conhecer mais essa caminhada podem acessar o site: www.isjbrasil.com.br.

Muitas Congregações nos apoiaram com suas orações. Nosso agradecimento.

Continuamos acompanhando a “brisa leve do coração”, percebida pelo Profeta Elias e tantas vezes cantada por nós.

Irmã Domingas Zolet

História de uma vida Comunidade intercongregacional

Fazendo referência à intercongregacionalidade, o Papa Francisco ressalta o que espera da Vida Consagrada:

... espero que cresça a comunhão entre os membros dos diferentes Institutos. Não poderia este Ano ser ocasião de sair, com maior coragem, das fronteiras do próprio Instituto para se elaborar em conjunto, em nível local e global, projetos comuns de formação, de evangelização, de intervenções sociais? Poder-se-á assim oferecer, de forma mais eficaz, um real testemunho profético. A comunhão e o encontro entre diferentes carismas e vocações são um caminho de esperança. Ninguém constrói o futuro isolando-se, nem contando apenas com as próprias forças, mas reconhecendo-se na verdade de uma comunhão que sempre se abre ao encontro, ao diálogo, à escuta, à ajuda mútua e nos preserva da doença da autorreferencialidade” (Papa Francisco, 2014, p. 20 e 21).¹ “... espero que saibais, sem vos perder em vãs ‘utopias’, criar ‘outros lugares’ onde se viva a lógica evangélica do dom, da fraternidade, do acolhimento da diversidade, do amor recíproco...” (Papa Francisco, p. 18 e 19).² Qual o medo que temos e vivemos quando falamos em intercongregacionalidade em nossa vida e missão? (Palermo, 2015, p. 656).³

Deus não faz nada por acaso; ele nos vai preparando, abrindo caminhos, suscitando desejos, abrindo interrogações. Não existe caminho, pouco a pouco o caminho se faz, e Deus foi chegando de mansinho. “Deus não estava no furacão, não estava no vento, não estava no terremoto, não estava no fogo; depois do fogo ouviu-se uma brisa suave, e Elias sentiu a presença de Deus” (1Rs 19,11-13).

1 Papa Francisco. *Carta Apostólica às Pessoas Consagradas*. São Paulo: Paulinas, 2014.

2 Papa Francisco. *Carta Apostólica às Pessoas Consagradas*. São Paulo: Paulinas, 2014.

3 Vera Palermo, Ano da Vida Consagrada e a intercongregacionalidade. *Convergência*, n. 485, outubro 2015.

Deus tem seus caminhos, só precisamos estar abertas e atentas aos seus sinais, mantendo-nos centradas em Jesus Cristo, deixando-nos evangelizar pelos que sofrem.

Em 2011 a Irmã Márian Ambrosio, quando era presidente da CRB, participou da assembleia de religiosos(as) da Regional de Porto Alegre. Uma noite falou sobre o Haiti. E aí Deus me agarrou pela cabeça e pelo coração; senti meu coração arder e palpitar fortemente. “Sai da tua terra e vai aonde eu te mostrarei” (Gn 12,1). “Sai além-fronteiras, o lugar que te levarei é terra sagrada.”

Pareceu-me meio contraditório ser o Haiti a terra prometida que se apresentava, ao escutar a experiência da Irmã Márian; uma terra devastada pelo terremoto, onde corria dor, sangue e fome. A fome era de tal proporção que desumanizava e machucava crianças, jovens e mulheres.

A terra prometida eram as próprias pessoas. “Tira as suas vestes de egoísmo, de discursos prosaicos, e vai...” Eram essas vozes que faziam eco dentro de mim. E o texto de Mt 10,37ss me atormentava: “quem amar seu pai, sua mãe, mais que a mim, não é digno de mim; quem não toma sua cruz para seguir-me, não é digno de mim”. E mais adiante Jesus continua a falar fortemente aos seus discípulos, e, naquele dia, a mim, a menor de todas as suas discípulas, pequena, frágil e tão pecadora. Continua ele: “Quem der de beber um copo de água fresca a um destes pequenos por sua condição de discípulos(as), eu vos asseguro que não perderá sua recompensa”. Logo depois, no capítulo 11,1, quando Jesus terminou de falar, o texto diz que os discípulos partiram dali para ensinar e pregar por aquelas cidades.

O encontro com o Mestre desinstalou os seus discípulos, pois ninguém, ao ouvir tal palavra, consegue continuar em sua zona de conforto.

Esse texto me encorajou a deixar tudo por mais difícil que parecesse. Tudo se tornou completamente relativo diante de tamanha urgência de ver o ser humano que sofre as consequências do nosso egoísmo, o qual provoca a degradação da natureza e, como consequência, terremotos, maremotos e

tantos outros desastres de proporções inexplicáveis. O Haiti sofria as dores do terremoto de 2010, que deixou inúmeros mortos e milhares de feridos. O país mais pobre das Américas tornou-se a terra prometida.

Assim me sentia em meio a muitos questionamentos e, quanto mais pensava, mais o medo me possuía. Então me veio à mente o texto de Mc 4,40. No meio da tempestade, Jesus perguntou aos discípulos: “Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé? Eu estou convosco”. Era isto que ele me dizia: “Eu estou convosco”, e assim me sentia como as ondas que se acalmaram ao ouvir a voz do Mestre, depois de uma grande tempestade, como um maremoto que tudo revira. Ele acalma, suaviza e nos coloca no colo como um pastor.

Sua palavra aquecia meu coração e me transformava por dentro, acalmava o mar que estava revoltado dentro de mim. A memória do encontro com ele me fez entrar no repouso do seu grande amor. “Tu te agitas e te preocupas com muitas coisas” (Lc 10,41). O encontro com Jesus me descentralizou, me fez sair de minhas fronteiras pessoais e familiares e ir além-fronteiras, onde a vida estava tão ameaçada.

O Papa Francisco, em sua carta às(aos) religiosas(os), nos diz que:

... a relação com Jesus Cristo pede para ser alimentada pela inquietação da busca. Ela nos torna conscientes da gratuidade do Dom da vocação e nos ajuda a justificar as motivações que causaram a escolha inicial e que permanecem na perseverança: “Deixar-se conquistar por Cristo significa tender sempre para aquilo que está na minha frente, para a meta de Cristo” (cf. Fl 3,14).⁴

Intercongregacionalidade: novas possibilidades na convivência cotidiana

Foi uma graça poder conviver com 12 congregações diferentes. A riqueza de todos os carismas proporciona abrir horizontes para ver além.

4 ALEGRAI-VOS. Carta circular aos consagrados e às consagradas do magistério do Papa Francisco, p. 22.

Senti a força da transformação que os carismas têm em nossa vida, cada um com sua peculiaridade própria, com seus fundadores e fundadoras que transformaram e revolucionaram uma época e, o mais importante, tocaram no coração das pessoas e tiveram muitos seguidores.

No primeiro ano, convivi com seis congregações diferentes e cada irmã de um estado diferente do Brasil; uma riqueza de culturas sulistas, nordestinas, do norte, do sudeste e do centro-oeste partilhando culinárias, danças e folclore típicos de cada região. Senti-me muito acolhida! Cada uma com seu modo de ser fazia o possível para que eu pudesse me adaptar. No começo não foi fácil a adaptação na comunidade, na missão, pois a língua falada pelos pobres é o crioulo haitiano.

Passados alguns meses, começaram os desafios comunitários: éramos muito diferentes em idade e temperamento; precisamos sentar inúmeras vezes para nos organizar e, em nossas reuniões, deixamos espaços para fazer algumas avaliações, leitura orante em que a Palavra nos conduzia, partilha de vida e de visões diferentes de evangelização e missão. Assim fomos crescendo, errando, perdoando-nos inúmeras vezes para avançarmos e aprendermos a conviver com nossas diferenças.

Os pobres nos questionavam; não tínhamos o direito de estar perdendo muito tempo com nós mesmas, com nossos conflitos pessoais, que, muitas vezes, se refletem na convivência comunitária e no seguir em frente: “Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza” (2Cor 12,9). E a nossa comunidade tinha que prosseguir. Buscávamos ser, em uma realidade tão marcada por toda espécie de sofrimento, sinais do amor de Deus e luz na caminhada de muitos que nos procuravam já sem esperança. Tínhamos a cada dia crianças, jovens, mulheres que passavam um, dois, três dias sem comer, habitavam em lonas, dormiam no chão duro e frio, e quando chovia sofriam os horrores dos fortes ciclones que muitas vezes levavam tudo que estava pela frente. Crianças e jovens que sofriam violências corporais e sexuais, crianças que deixavam o interior do país

na esperança de estudar na capital, Porto Príncipe, e eram mantidas como *restavek*.⁵

Diante dessa realidade tão dura, as nossas relações egoístas e individualistas perdiam forças e as nossas energias eram canalizadas para a missão de levar as mulheres, crianças e jovens à consolação de Deus, testemunhar o seu amor e a sua ternura e misericórdia, ser um sinal de esperança. Os pobres nos convertem, ajudam-nos a crescer nas nossas relações fraternas, no amor e na misericórdia. Quando estamos em uma situação extrema, não só evangelizamos, mas somos evangelizadas(os).

A esperança que move

No segundo ano praticamente toda a comunidade foi trocada, pois as Irmãs completaram os três anos de missão, e era esse o compromisso das congregações com a CRB Nacional. Cada Irmã permanecia por três anos no projeto. E começou novamente, para mim e para quem estava chegando, novo processo de adaptação.

Tínhamos como mística da intercongregacionalidade o texto: “Vi a opressão do meu povo, ouvi suas queixas contra seus opressores, prestei atenção aos seus sofrimentos. E desci para livrá-lo” (Ex 3,1ss).

Esta é a mística que fundamenta nossa comunidade e missão; é em nome do povo que fomos chamadas a colocar nossa vida a serviço, a viver em comunidade para sermos testemunhas de que o amor fraterno é possível, que vale a pena vivermos como irmãs em vista de um projeto maior. Em Jo 13,12-15, Jesus nos chama a fazer a experiência do amor, a viver com humildade, colocando nossa vida a serviço.

Quando em nós surge um espírito de poder de dominação, ele nos chama a ser servas e não mestras, a lavar os pés umas das outras, a viver a correção fraterna como irmãs e não como superiores. Fomos fazendo entre nós esse exercício com vivências práticas nas trocas de responsabilidades, em relações mais circulares.

A vida no cotidiano nos desafia. Chegam até nós crianças no último grau de desnutrição, muitas delas em estado que

5 “*Restaveks* são crianças privadas dos seus direitos mais elementares, condenadas a viver ao abrigo da violência física e dos abusos sexuais”, assinala Njanja Fassu, funcionária da Unicef no Haiti. *Restaveks* são frequentemente violados pelo pai e pelos filhos da família anfitriã. Se ficam grávidas, as meninas são abandonadas na rua. E talvez os seus filhos venham a ser utilizados, no momento apropriado, como domésticos, pequenos escravos (*A Página da Educação*, revista on-line semestral. Portugal: Profedições).

já não conseguimos ajudar. As crianças que participam no curso de artesanatos e de infância missionária nos contam que estão a um dia, dois e às vezes três dias sem comer. Há pessoas que perderam todos os parentes próximos, como irmãos/os, pai e mãe, e que estão sozinhas; e um número alto de idosos abandonados, jovens sem esperança, sem perspectiva de trabalho.

A missão é árdua e é na comunidade que conseguimos reestabelecer nossas forças, partilhar nossas angústias e esperanças, e continuar inteiras para dar o melhor de nós mesmas aos prediletos de Deus, o povo eleito e escolhido para fazer e selar uma aliança de amor.

Tudo é graça e possibilidades

Temos nossos dias de lazer, dançamos, escutamos músicas brasileiras, jogamos xadrez, fazemos pipoca e assistimos a um bom filme juntas. Tudo isso nos revitaliza e nos faz experimentar a alegria de vivermos como irmãs.

Temos dias reservados para as festas importantes das congregações, com direito a bolos e outros quitutes feitos com criatividade e muito carinho. Aprendemos a fazer festas e a viver com quase nada, e somos felizes. Creio que é na simplicidade do cotidiano que se vive a alegria de sermos missionárias. A partilha do carisma com simplicidade e profundidade é para cada uma inspiração e compromisso de missão. Conhecer fundadoras/es tão determinadas/os a viver o Evangelho com radicalidade e entrega tão generosa de serviço aos pobres e sofredores de sua época ajuda-nos a renovar o compromisso de nossa consagração.

Apreendi que a simplicidade, o diálogo sincero, o perdão tocam o coração e fazem a diferença na vida comunitária. A leveza nas relações e a experiência profunda com Jesus em águas mais profundas nos tornam mulheres e homens de Deus que vivem a consagração com alegria e fidelidade, com um espírito missionário que nasce da fé e que torna a vida comunhão profunda do amor com Jesus, que se prolonga na comunhão de amor fraterno.

Alegria da intercongregacionalidade como uma das mais belas possibilidades missionárias

Após cinco anos de missão, temos muitas alegrias que nos motivam e afirmam que Cristo continua fazendo maravilhas lá onde a vida é extremamente machucada, e faz surgir os frutos a partir da formação de lideranças: a esperança começa a renascer nos jovens, nas mulheres, nas crianças, com o projeto de apadrinhamento que realiza o sonho de retornarem à escola; a alegria imensa das crianças e das mães que já fazem e utilizam a multimistura como combate à desnutrição infantil, e a vida supera a morte; a infância missionária que leva palavras de conforto a algumas famílias; a parceria da cozinha comunitária com os padres Carlistas, onde o povo pode comprar comida de forma simbólica, saindo da situação de fome extrema; a alegria dos jovens que trabalham com artesanatos de coco e garrafas PET, e na fabricação de vassouras, contribuindo assim para minimizar a situação degradante do meio ambiente; as Mulheres da Economia Solidária, que começam a visualizar novas perspectivas de trabalho solidário com uma economia mais inclusiva e participativa, saindo aos poucos de uma posição de mendicância.

Vida Religiosa, avance para águas mais profundas! Nossos fundadores e fundadoras foram pessoas incríveis em suas épocas, tocaram o coração das pessoas, aceitaram os desafios, souberam ler os sinais dos tempos com sabedoria e coragem, e responderam com um espírito profético aos apelos da Igreja e da sociedade de seu tempo.

Correram riscos, viveram a pobreza extrema e responderam com tanta ousadia às novas frentes. Trabalhando, orando e acolhendo os pobres dentre os mais pobres de suas épocas: mulheres, enfermos, órfãs, idosos e todos os que se encontravam em situação de vulnerabilidade social. Foram verdadeiras/os profetas e especialistas no amor de Deus.

Fundaram uma nova era do amor e da entrega gratuita aos pobres dentre os pobres; cresceram, multiplicaram-se da Europa à América, da América à Ásia, da Ásia à África.

Viveram a alegria de ser discípulas/os missionárias/os, contagiaram corações jovens que as/os seguiram. E hoje a quem contagiamos? Onde está a nossa alegria?

Agradecimentos

Agradeço à CRB Nacional, hoje na pessoa da Irmã Maria Inês Ribeiro, e à CNBB por tornar possível esta experiência e tantas outras; agradeço também a minha congregação por me apoiar e me liberar para viver esta experiência.

Agradeço de forma muito especial às Irmãs que estão atualmente vivendo comigo na comunidade intercongregacional do Haiti. Com vocês tenho aprendido e crescido na entrega e consagração. Vocês são especiais na minha vida, e é uma graça e um dom de Deus fazer comunidade com vocês, partilhar a vida, o carisma e fortalecer a amizade; apoiar-nos e nos abraçar no medo, com palavras de conforto e de força; alegrar-nos na alegria da festa de nossas congregações; e chorarmos diante da dor da perda de alguns de nossos familiares, de crianças e mulheres haitianas que se foram tão rápido por falta de recursos, e diante de nossas limitações ante os desafios.

Tudo isso fez com que a nossa vida e a nossa convivência se tornassem muito intensas. E tudo isso fortaleceu nossos laços de irmandade, de amigas e companheiras, de mulheres consagradas para o Reino. Como dizia João XII: “Missão se faz com os joelhos dos que rezam, as mãos dos que doam e os pés dos que partem”.

*Irmã Maria Goreth Ribeiro**

* **Irmã Maria Goreth Ribeiro** é missionária da Congregação das Irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus – Teresianas.

Uma maneira de viver a fraternidade de Jesus

IRMÃO JOSÉ MARIA FERRE*

O artigo apresenta a realidade do religioso-Irmão como vocação completa dentro da Igreja, que é comunhão de crentes, na qual o Espírito suscita carismas específicos. No coração dessa vocação está o chamado a viver a fraternidade de Jesus. Expressa-se nas dimensões mística e profética da comunidade de religiosos-Irmãos. Dado que essa vocação nem sempre foi compreendida, são oferecidas explicações, desafios a enfrentar e ícones evangélicos que a esclareçam. O artigo conclui apresentando as riquezas e as possibilidades que a vocação do religioso-Irmão encerra.

Há uns meses, participei de um encontro organizado pela Conferência dos Religiosos da Itália. Um dos expositores, ao dar algumas informações sobre o Ano da Vida Consagrada, anunciou a próxima publicação de um documento sobre – disse – “Os religiosos não sacerdotes”. Referia-se à “*Identidade e Missão do Religioso-Irmão na Igreja*”, preparado pela Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, e cuja publicação é iminente.

Achei estranho que definisse os Irmãos pelo que não são, *religiosos não sacerdotes*. Certamente falta, aí, compreensão de nossa identidade, e é responsabilidade dos Irmãos e de toda a Igreja expressá-la em termos positivos.

Estas linhas desejam dar umas pinceladas sobre a vocação de Irmão: colocá-la em seu contexto, esclarecer alguns aspectos e mostrar a riqueza que encerra esse dom específico que, junto com tantos outros, o Espírito suscita no seio da Igreja.

* **José Maria Ferre** é irmão marista. Este artigo foi publicado na revista *Sal Terrae* 103 (2015) 805-818. Divulgação autorizada.
E-mail do autor: hermanoferre@gmail.com.

O que é um religioso-Irmão?
O que dizem de nós?

Andando pela rua com esta pergunta, podemos ter respostas bem variadas. Limitando-nos ao povo de Deus, a maioria considera o Irmão uma espécie híbrida, não facilmente classificável: são homens de Igreja, mas não são sacerdotes; são leigos, mas não se casam... Muitas pessoas, numa visão simplista, consideram que, na Igreja, há dois tipos de pessoas que vivem uma consagração específica: os padres e as monjas. Como o Irmão não entra nessas duas categorias, é definido com termos imprecisos e comparativos: O Irmão é como um sacerdote, mas não celebra missa; ou, ainda, o Irmão é como uma religiosa, mas no masculino.

A resposta mais repetida, entre os que nos conhecem e têm algum contato conosco, costuma ir na linha do *fazer*. Veem-nos como pessoas que dão aula, que estão com os jovens, atendem enfermos, coordenam a catequese, trabalham em obras sociais, mantêm obras apostólicas, colaboram em mil detalhes da missão, ou têm uma presença discreta no silêncio de um mosteiro.

Sim, isto é um pouco do que o Irmão *faz*; mas trata-se de uma visão exterior e superficial. O Irmão, por certo, faz muitas coisas e, inclusive, muita gente o avalia positivamente; consideram-no bom profissional e grande trabalhador. Isso, porém, não é nenhuma exclusividade: há muitas pessoas assim, nos mais variados âmbitos. Para aprofundar mais a identidade do Irmão, é preciso perguntar o como e o porquê desse agir; ou seja, é preciso aprofundar o *ser*. O Irmão, na Igreja, é muito mais do que mão de obra barata.

Finalmente, penso no grupo mais reduzido de pessoas que nos conhecem de perto. Pessoas que tiveram ocasião de tratar com os Irmãos, de conviver e de captar elementos essenciais de nossa vida e de nossa identidade.

Quando os Irmãos convivem, compartilham e colaboram com leigos e com sacerdotes, opera-se uma osmose em que cada grupo descobre e firma sua própria identidade; então tomamos consciência de que o que *somos* é mais importante do que o que *fazemos*. Por uma parte, avaliam o que há no

coração do Irmão, dando sentido à sua vida – a consagração, a espiritualidade, a vivência comunitária, seu sentido da missão e seu carisma específico. Por outra parte, os Irmãos redescobrem e reconhecem a vocação do leigo e do sacerdote na Igreja. São relações baseadas na comunhão.

Para entender o Irmão, é mister compreender a Igreja. A importância de saber localizar-se

Já transcorreram mais de 50 anos desde o Concílio Vaticano II e ainda continuamos a assimilar o que significa a Igreja como povo de Deus e a tomar consciência do que isso implica.

Na Igreja, povo de Deus, todos formamos uma grande comunidade de crentes, consagrados pelo mesmo Batismo, ungidos pelo mesmo Espírito, chamados pelo Pai ao seguimento de Jesus. Em comunidade, vivemos, celebramos e testemunhamos nossa fé. Isso é o primeiro, o fundamental.

A consequência lógica é que todos temos a mesma dignidade que o Batismo nos conferiu. Todos somos um povo de profetas, de sacerdotes e de servos. E todos somos irmãos e irmãs. Essa é a vocação básica de qualquer cristão. Os problemas ou conflitos surgem quando se acentuam aspectos ulteriores que são consequências da vocação básica.

Nessa grande comunidade de crentes, o Espírito suscita carismas, que são dons, presentes para o crescimento da Igreja. Basta recordar a rica teologia paulina a esse respeito: Paulo nos fala da Igreja como um único corpo com muitos membros, com diversas funções, mas tudo ordenado ao bem do conjunto. As diferentes vocações na Igreja são todas elas bonitas e complementares dentro de sua diversidade.

Estão *os leigos*, pessoas que, conscientes de sua vocação de batizados, se sentem movidos pelo Espírito a transformar este mundo numa terra mais justa e mais humana, seguindo as pegadas de Jesus.

Estão *os sacerdotes*, ministros ordenados ao serviço da Igreja, que convocam, animam e lideram o povo de Deus, chamados a ser sinais do amor e da misericórdia do Bom Pastor.

E estão também os consagrados

Dentro desta visão de Igreja-comunhão, há outro grupo de homens e mulheres que, já desde os inícios do cristianismo, o Espírito chama a viver a consagração batismal de maneira específica: sendo memória de Jesus obediente, virgem e pobre; e identificando-se com ele. São chamados *religiosos* ou *consagrados*.

Esse estilo de vida, basicamente laical desde as origens, se configurou e evoluiu, ao longo da história, em Ordens, Congregações, Institutos religiosos, em que homens e mulheres responderam ao chamado de viver a consagração em comunidade.

Esses homens e essas mulheres, consagrados para a missão de Jesus, procuram ser um sinal que recorda a todo o povo de Deus o essencial da vida cristã: a primazia de Deus e a adesão a Jesus, único Mestre. Querem ser uma recordação viva da fraternidade de Jesus.

Nessa perspectiva, é inútil perguntar-se quem é melhor ou pior, ou qual é a vocação mais santa que a outra. Quantas vezes ouvimos de pessoas simples expressões como: “Tu que estás mais perto de Deus... Pede-o ao Senhor, porque a ti escuta melhor que a nós...”. Não há vocações melhores ou piores. Para entender a vocação do religioso-Irmão ou qualquer outra, dentro da Igreja, é preciso situar-se num contexto global: o chamado à santidade é para todos; a consagração batismal abrange a todos; a missão de Jesus se destina a todos. O que varia é o modo de responder e de viver a vocação à qual cada um foi chamado.

Viver a fraternidade de Jesus

Tanto aquele que santifica como aqueles que são santificados, todos têm a mesma origem. Por isso, ele não se envergonha de chamá-los irmãos (Hb 2,11).

A fraternidade não é algo que se impõe; nasce de uma relação. As grandes revoluções modernas, desde o grito *Liberté, Égalité, Fraternité*, quiseram criar uma fraternidade em que, infelizmente, está ausente a figura do “pai”.

Jesus não procurou ter *servos* nem *alunos*; chamou alguns para estarem com ele e serem enviados, e assim, sob o olhar do *Abbá*, foram crescendo como irmãos. Para Jesus, o Reino não é um assunto de poder, como pretendiam os reis, nem assunto de doutrina, como queriam os escribas, mas fruto do amor fraterno.

A fraternidade de Jesus não se baseia em laços de sangue, nem em interesses comuns; não nasce por haver uma mesma raça, língua ou cultura; não se baseia em afinidades de caráter ou de tipo de trabalho. O único fundamento é o Pai comum que ama a todos, não discrimina e, se mostra alguma preferência, é pelos pequenos e mais pobres.

É interessante ver como no Evangelho se dá uma tomada de consciência progressiva do Jesus-irmão. Os apóstolos, que se sentiram *discípulos* do Jesus-Mestre, escutam na última ceia que o Mestre já não os quer *servos*, mas *amigos*. E Jesus ressuscitado se refere a eles com o nome de irmãos, quando fala com Maria de Magdala: “Vai dizer a meus irmãos: Subo para junto do meu Pai, que é Pai de vocês” (Jo 20,17).

Os Atos dos Apóstolos nos apresentam um reflexo dessa primeira comunidade de crentes que, com suas luzes e sombras, vivem a fraternidade de Jesus.

O chamado a viver a fraternidade de Jesus é a essência da vocação do religioso-Irmão. É um chamado para todo o povo de Deus, porém o Irmão o assume como objetivo próprio, vive-o e quer ser memória viva dessa fraternidade. Esse é o presente recebido. Podemos aprofundar isso analisando algumas dimensões da vida do Irmão que são complementares e estão inter-relacionadas.

A dimensão mística da comunidade de Irmãos

Ouço no meu coração: “Procurem minha face!” – É tua face que eu procuro, Senhor (Sl 27,8).

Sentir-se e ser irmão de Jesus não é fruto de um simples arrazoado lógico. É um dom que se acolhe na fé, que se vive e se transmite. O religioso-Irmão expressa a acolhida desse

dom mediante a consagração religiosa, concretizada nos três votos: a castidade, como fruto do amor pessoal de Deus, que leva ao amor universal e à vivência da fraternidade; a pobreza, que torna disponível para o serviço, especialmente dos pobres; e a obediência, que é discernimento e busca comunitária da vontade do Pai.

Esse estilo de vida requer do Irmão uma *espiritualidade* que tem sua fonte no Deus Trindade e que compartilha estilos comuns do povo de Deus: uma espiritualidade que se cultiva dia a dia em momentos pessoais de encontro com Jesus, o irmão maior, para escutar o Pai e afinar o ouvido aos sussurros do Espírito; uma espiritualidade que se compartilha com a comunidade, que se alimenta da Palavra, da liturgia e dos sacramentos.

Porém, se algo se destaca na espiritualidade do religioso-Irmão, talvez seja seu caráter integrador, unificador. Sendo um leigo consagrado, o Irmão procura superar, em sua própria vida, a dicotomia entre o sagrado e o profano, e descobrir as pisadas de um Deus cuja presença não está limitada por tempos ou espaços específicos.

Para o religioso-Irmão, o mundo é um lugar de encontro com Deus, de missão e de santificação; descobre e experimenta Deus nas realidades temporais próprias de seu ministério. Essa é a mística do religioso-Irmão, também chamada espiritualidade encarnada ou apostólica. Faz dos Irmãos contemplativos, na ação, monges na cidade, pessoas que não se contentam com leituras superficiais da realidade, mas que a perfuram com o olhar de Deus para descobrir suas pegadas e escutar a voz do Espírito.

Escutando e meditando a Palavra de Deus, pessoal e comunitariamente, os irmãos se dispõem a interpretar os sinais dos tempos e a discernir o sentido sacramental da realidade.

A comunidade é chave na espiritualidade do religioso-Irmão. A comunidade é uma realidade teologal, um espaço onde a experiência de Deus pode alcançar sua plenitude e comunicar-se aos demais. Isso leva o Irmão a uma oração aberta à realidade da história e a ser eco de uma vida

solidária; uma oração que recolhe as penas e alegrias dos que Deus põe no caminho. Para o religioso-Irmão, seus irmãos de comunidade, as pessoas que encontra, sobretudo os pobres, se convertem, diariamente, para ele em sacramentos vivos de Deus e interpelações do Espírito.

A dimensão profética da comunidade de Irmãos

Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta e recebesse o espírito do Senhor (Nm 11,29).

Como ao longo da história da salvação, Deus continua suscitando profetas no meio de seu povo. São pessoas que ele escolhe livremente e envia com uma missão específica; pessoas que, às vezes, resistem a transmitir a mensagem, que sentem sua própria fragilidade e limitações; pessoas que sabem que vão entrar em conflito pelo que anunciam e denunciam; porém, no fundo, pessoas que se deixam seduzir pelo Senhor, conscientes de que sua força não vem deles mesmos, mas de Deus. Nesse povo de profetas, insere-se a missão do religioso-Irmão, como indivíduo e como comunidade: *viver e proclamar a profecia da fraternidade* na sociedade e na Igreja.

Independentemente das tarefas concretas que o religioso-Irmão desenvolve na área profissional, cada comunidade é chamada a ser sinal profético que grita com a própria vida e, se for necessário, também com as palavras, porque diante de Deus todos somos irmãos e irmãs, amados pessoalmente por ele.

Estando abertos à acolhida e ao serviço das pessoas, além do sexo, da nacionalidade, da religião ou da cultura, a comunidade de Irmãos anuncia o valor das pessoas e denuncia as discriminações a que se veem submetidas por sua pertença étnica, suas crenças, seu gênero ou sua condição social.

Vivendo perto dos pobres e marginalizados, dos que não têm voz nem contam na sociedade, os religiosos-Irmãos anunciam valores evangélicos e denunciam a manipulação,

a intolerância, a exclusão, a falta de respeito, e tudo o que se opõe aos Direitos Humanos e ao plano de Deus.

Ao renunciar a toda forma de poder dominador, que é fonte de muitas injustiças e abusos, que gera corrupção e desejo ilimitado de riqueza, que destrói a criação, a comunidade de Irmãos proclama a simplicidade do Evangelho e denuncia toda forma de violência e opressão dos que são filhos de um mesmo Deus, e tudo o que contamina e destrói nosso mundo, a casa de todos.

Construindo comunidades internacionais, interculturais, inter-raciais, com outros irmãos, estamos anunciando que a fraternidade é possível além da idade ou de qualquer tipo de diferenças; e que é possível não só ser irmãos, mas construir juntos o Reino.

Ao não pertencer à estrutura hierárquica da Igreja, embora se sentindo, profundamente, membros dela, o religioso-Irmão se converte no que J. B. Metz chamava de *memória perigosa e subversiva* para uma Igreja sempre em busca de uma fidelidade renovada. Anuncia assim um novo modo de ser Igreja, mais fraterna, mais participativa, uma Igreja-comunhão que não só tem o rosto de Pedro, mas os traços de Maria; e com ela, mãe e protótipo da Igreja, completa a inacabada profecia do *Magnificat*.

A falta de clareza sobre a vocação do Irmão

Elementos específicos

Há uma série de elementos que destacam a identidade do religioso-Irmão:

- 1) Como pessoas, compartilhamos as alegrias e tristezas de nossa comum condição humana, e nos sentimos imersos num contexto social concreto, em que podemos desenvolver e partilhar nossas potencialidades e pô-las a serviço do bem comum.
- 2) Como cristãos, nos sentimos em comunhão com todo o povo de Deus, arraigados na graça do Batismo, comprometidos no seguimento de Cristo e enviados em missão.

- 3) Como consagrados, professamos publicamente nosso compromisso de pertencer totalmente ao Senhor, praticando os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, vivendo em comunidade e alimentando-nos de uma espiritualidade que unifica e harmoniza nossa vida.
- 4) Como enviados, embora desempenhemos muitos serviços que são comuns também aos fiéis leigos, nós, Irmãos, os realizamos a partir de nossa identidade de consagrados numa família religiosa. Alguns desses serviços podem ser considerados *ministérios eclesiais*.

Os religiosos-Irmãos, membros do povo cristão, recebem o testemunho e a ajuda das outras vocações, e contribuem com seu dom específico: o chamado a *viver na Igreja a fraternidade de Jesus*.

... Os religiosos-Irmãos lembram eficazmente aos próprios religiosos-sacerdotes a dimensão fundamental da fraternidade em Cristo, que irão viver entre eles e com todo homem e mulher, e a todos proclamam a palavra do Senhor: “E vós sois todos irmãos” (*Vita Consecrata*, n. 60).

Esse mesmo documento *Vita Consecrata* apresenta uma bela descrição do que o Irmão recebeu como dom e oferece a toda a Igreja:

Esses religiosos são chamados a ser irmãos de Cristo, profundamente unidos a ele, “primogênito de muitos irmãos” (Rm 8,29); irmãos entre si, no amor recíproco e na cooperação ao serviço do bem da Igreja; irmãos de todos os homens, no testemunho da caridade de Cristo para com todos, especialmente os mais pequeninos, os mais necessitados; irmãos para uma maior fraternidade na Igreja (VC, n. 60).

Possíveis confusões

A consagração laical, tanto de varões como de mulheres, é uma vocação completa em si mesma (cf. *Perfectae Caritatis*, 10). A consagração laical do Irmão, portanto, tem valor

próprio, independentemente do ministério sagrado, tanto para a pessoa mesma como para a Igreja. Para as mulheres consagradas, as religiosas, isso resulta evidente, já que na Igreja Católica o sacramento da Ordem está limitado somente aos varões.

As confusões aparecem quando, ao longo da História, e por diversos motivos, alguns desses consagrados leigos se ordenam sacerdotes. Não existe oposição entre a vocação do religioso-Irmão e a vocação sacerdotal. O problema se dá quando se começa a considerar o sacerdócio como uma vocação superior às outras. Muitas vezes, essa concepção sacra criou uma distância respeitosa entre o sacerdote e o povo cristão. E uma das consequências é que a vocação do religioso-Irmão começou a ser menos valorizada ou a ser considerada incompleta. Quando era jovem, familiares e amigos me diziam: “Quando você vai se ordenar?”. Ainda agora continuo escutando, da boca de pessoas que aprecio, o lamento: “Que pena que você não se ordenou!”. Subjaz a ideia de que o religioso-Irmão é alguém que ficou pela metade do caminho.

Muitas Ordens religiosas nasceram como grupos de religiosos-Irmãos. O mesmo nome de “Frei” que ainda conservam é um derivado de Frater (Irmão). Francisco de Assis não quis ser ordenado sacerdote; o irmão universal se sentia chamado a viver e a testemunhar a fraternidade de Jesus. Porém, quando essas Ordens optam por ordenar alguns membros, começam a aparecer certas classes internas.

Quando surgem na Igreja as Congregações chamadas clericais, em que a maioria de seus membros é sacerdote, continua havendo entre elas religiosos-Irmãos; porém, a vocação e a identidade destes foram ficando em segundo plano. A vivência da fraternidade de Cristo convida a estabelecer entre religiosos-sacerdotes e religiosos-Irmãos algumas relações de igualdade, sem outras diferenças que as que derivam estritamente do exercício de seus diferentes ministérios. Movidos por essa mesma fraternidade, os religiosos-Irmãos são igualmente chamados a participar plenamente nos serviços de animação e governo.

Na Igreja há também Congregações de composição mista, em que sacerdotes e Irmãos vivem e colaboram juntos na missão comum. E nestes últimos séculos, o Espírito fez surgir Institutos formados totalmente de Irmãos, que querem recuperar toda a força e o sentido que engloba essa vocação na Igreja.

Os desafios da fraternidade

Esse tesouro nós o levamos em vasos de barro (2Cor 4,7).

Nós, Irmãos, levamos a riqueza de nossa vocação em frágeis vasos de barro. Viver e testemunhar a fraternidade de Jesus é um desafio que exige conversão contínua. Estamos expostos a forças internas e externas que podem abafar o chamado. Cito algumas:

- 1) A tentação da *secularidade*. Nosso caráter laical, nossa preparação profissional pode levar-nos a pôr em segundo plano nossa condição de consagrados. Quando nos consideramos um a mais entre as pessoas e se dilui nossa consagração, pomos em perigo nossa identidade.
- 2) A tentação do *clericalismo*. Nossa vocação nem sempre é compreendida e valorizada. O sacerdote continua tendo ainda um *status* social... O religioso-Irmão, se não chega a assumir sua vocação como um estado de vida completo em si, pode ser tentado a alcançar certa plenitude, tornando-se sacerdote ou exercendo funções similares.
- 3) A tentação do *profissionalismo*. Nós, religiosos-Irmãos, não só temos uma formação religiosa e teológica, mas uma preparação profissional que nos capacita para exercer as diversas tarefas em que se expressa nosso ministério. Aí podemos encontrar prestígio e segurança, mas um acento excessivo nesse aspecto pode nos levar a questionar a própria identidade de consagrados.
- 4) A tentação do *individualismo*. Um fenômeno social que procura contagiar-nos! Nós, religiosos-Irmãos, somos uma comunidade de consagrados que vivemos a fraternidade

ministerial. Quando o individualismo abafa essa realidade fundamental, entra em crise nosso ser místico e profeta.

Os ícones da fraternidade

Perante essas tentações, continuam vivos os grandes ícones evangélicos que dão vida e sentido à vida do religioso-Irmão:

- 1) Jesus de avental, disposto ao serviço (cf. Jo 13);
- 2) Jesus que sente compaixão da multidão e convida: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37);
- 3) Jesus que se identifica com os pequenos e necessitados: “Todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos...” (Mt 25,40);
- 4) Jesus em casa de Marta e Maria, convidando a integrar em nossas vidas as muitas canseiras cotidianas e *o único necessário* (Lc 10);
- 5) Jesus que, no encontro com a mulher samaritana, a ajuda a extrair o melhor de si mesma e a converte em mensageira (Jo 4);
- 6) Jesus que se refere a si mesmo na parábola do bom samaritano (Lc 10).

E, sobretudo para nós, irmãos, temos *o ícone inspirador de Maria*: a mulher leiga que acolhe a Palavra, a medita e no-la entrega feita Vida; a mulher que oferece Jesus e que sabe permanecer discreta, dando o protagonismo ao Filho; a mulher de presença atenta e eficaz onde surge a necessidade; a mulher mística, aberta e disponível a Deus, e ao mesmo tempo profetisa com sua proximidade às alegrias e dores do povo. Maria que, sem pertencer à estrutura jerárquica da Igreja, está presente na comunidade apostólica no dia de Pentecostes, quando a Igreja nasce.

Conclusão: religiosos-irmãos, uma vocação cheia de riquezas e possibilidades

O Reino do Céu é como um tesouro escondido... é como uma pérola preciosa que alguém encontra (Mt 13,44-46).

Ser Irmão não é um simples título, é um programa de vida completo em si, capaz de dar plenitude e sentido aos que recebem esse chamado, e de oferecer a toda a Igreja a riqueza que essa vocação encerra:

- 1) Ser Irmão é um caminho de Evangelho que faz transparecer a fraternidade de Jesus como elemento básico e constitutivo da Igreja.
- 2) Ser Irmão é aliar a mística e a profecia; viver a pertença a Deus mediante a consagração e, a partir dessa experiência, estar disponível a deslocar-se para as novas fronteiras. É estar aberto para acolher a diversidade e sentir-se interpelado a ir além de nossos pequenos mundos, deixando-nos evangelizar pelo outro, sem limitações de nacionalidade, de religião ou de cultura.
- 3) Ser Irmão é crescer em comunidade, é viver com outros irmãos a simplicidade de relações, é compartilhar vida e fé, o perdão mútuo e o discernimento como exercício cotidiano de busca da vontade de Deus no mundo. A partir da riqueza de sua condição laical, se oferecem como guias na busca de Deus, dispostos a acompanhar os contemporâneos em seu itinerário de fé.
- 4) Ser Irmão é viver cada dia a parábola da simplicidade, da igualdade, da fraternidade; é oferecer um oásis, uma referência, para um mundo dividido e competitivo.
- 5) Ser Irmão é ser presença acolhedora e próxima para os que necessitam de alguém que os escute e os ajude a dar um sentido a suas vidas, sobretudo os excluídos da sociedade. E transmitir uma mensagem de misericórdia, de alegria e de esperança.
- 6) Ser Irmão é construir pontes de aproximação com o laicato. Nossa linguagem simples, nossa simplicidade de vida e nossa acolhida, nossos encontros, nossos projetos comuns, nossas comunidades, podem ser plataformas de diálogo e de fé compartilhada, onde Irmãos e leigos nos enriquecemos mutuamente.
- 7) Ser Irmão, com formação teológica e profissional em áreas diversas, nos permite entrar no diálogo entre a

cultura e a fé. Nossas comunidades e obras apostólicas são lugares privilegiados de evangelização, onde se pode compartilhar a busca e a experiência de Deus, e os anseios do ser humano.

- 8) Finalmente, em comunhão com todas as vocações que o Espírito suscita, o Irmão quer ser uma recordação viva, uma memória permanente da dimensão básica de nossa fé: ser uma comunidade de crentes que querem viver e testemunhar a fraternidade de Jesus. *E todos vocês são irmãos.*

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em grupo:

1. Ser irmão é...
2. Que riquezas e possibilidades Deus oferece ao Religioso-Irmão?
3. Que desafios se apresentam ao Irmão Religioso?

Que questões o mundo da mídia coloca para nós, religiosos e religiosas, enquanto evangelizadores?

JOANA T. PUNTEL*

Parte I

Já se passaram quarenta anos da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975), na qual Paulo VI advertia que “a ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas” (20). Os pontífices que se seguiram voltaram a repetir o refrão e a enfatizar o diálogo entre fé e cultura como uma das condições essenciais para a evangelização. Na trajetória, constata-se a consciência dos cristãos sendo formada para tal realidade, as mentalidades, mesmo que vagarosamente, se abrindo e a inculturação se consolidando.

Hoje, poderíamos nos perguntar: onde estão os evangelizadores? Em qual contexto se situam? Quais questões o mundo da mídia coloca para nós, religiosos e religiosas? Perguntas pertinentes, uma vez que a Igreja se esforça para viver uma “nova evangelização”, o mundo da mídia muda de cenário quase a cada dia e a Vida Religiosa se encontra “em processo de transformação”.

Este artigo não tem a intenção de fazer uma análise crítica, especialmente de como estamos evangelizando. Mas coloca uma provocação à qual cada um é convidado a verificar como está desenvolvendo a sua evangelização. Em que esfera estamos? Em que modelo nos “fixamos”, ou estacionamos, enquanto o mundo da mídia avança a passos largos e aciona uma reviravolta na cultura?

* **Joana T. Puntel**, natural de Sobradinho – RS, é Irmã Paulina (FSP). Doutora em Comunicação Social pela Simon Fraser University (Canadá) e Universidade de São Paulo (USP). Jornalista, escritora, pesquisadora, professora de Comunicação e de Teologia (Programa de pós-graduação – PUCRS). Conferencista em partes do Brasil e do exterior sobre Igreja, Comunicação, Cultura. Autora de várias obras, entre as quais: *Comunicação: diálogo dos saberes na cultura midiática*; *Igreja e sociedade: método para trabalho em comunicação*; *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*. **E-mail da autora:** joana.puntel@gmail.com.

É imprescindível uma atenção para as palavras de Bento XVI, convidando para introduzir na cultura deste novo ambiente comunicador e informativo os valores sobre os quais se pauta a vida de um cristão:

Nos primeiros tempos da Igreja, os Apóstolos e os seus discípulos levaram a Boa-Nova de Jesus ao mundo greco-romano: como então a evangelização, para ser frutuosa, requereu uma atenta compreensão da cultura e dos costumes daqueles povos pagãos com o intuito de tocar as suas mentes e corações, assim agora o anúncio de Cristo no mundo das novas tecnologias supõe um conhecimento profundo das mesmas para se chegar a uma sua conveniente utilização (43ª Dia Mundial das Comunicações-2009).

O mundo da mídia – Cenário de transformações

Antes de tudo, é preciso levar em consideração a evolução do conceito *mídia*. Todos sabem que a palavra *mídia* é uma palavra latina e é o plural de *médium*, que significa meio; portanto, *media* = meios. Com toda a evolução das tecnologias, com o surgimento de novos paradigmas, houve uma evolução na compreensão do que significa *mídia* na sociedade contemporânea. Hoje, *mídia* significa um sistema complexo que compreende: o sujeito (a pessoa), os artefatos (instrumentos), as organizações de mídia, as suas articulações (por exemplo, a publicidade, marketing etc.). E a comunicação, como cultura, é um fenômeno que marca a mudança de época neste início de milênio, mas é preciso dar-se conta de que a comunicação não é mais um conjunto de meios “singulares” (imprensa, jornal, cinema, rádio, televisão, computador etc.), mas tornou-se uma “ambiência vital”, isto é, uma cultura que influi e na qual se move cada aspecto da vida individual e social.

O cenário que se delineia na sociedade, hoje, apresenta-se com grandes transformações, impossíveis de serem

comparadas com aquelas de períodos anteriores. De fato, a contemporaneidade é muito diversa do que foi cinco anos atrás, até, talvez, alguns meses atrás, tal é a velocidade que faz emergir novas invenções tecnológicas, *new media*, novos ambientes, novas conectividades, novas sociabilidades, novas maneiras de produzir, novas formas de consumir, novas ofertas, criatividade, novos desafios, novos paradigmas, novas teorias, novas gerações, novo estilo de vida, novas narrativas. Vivemos, então, uma “revolução”, que se chama, hoje, a “revolução digital”, ocasionada especialmente pelos *social media* – expressão que já se tornou comum e incorporada no nosso vocabulário, justamente porque já não é possível separar mídia, sociedade e mundo.

Entretanto, trata-se de transformações que não têm uma interrupção com o passado, isto é, vivemos mudanças que são, em certo sentido, desenvolvimento, evolução do que chamamos de tradicional. O que é preciso distinguir, então, é em que consistem as transformações hoje, na sociedade atual. E aqui tomamos o caminho das novas tecnologias de comunicação (hoje, já *social media*), relevando alguns pontos dos quais derivam questões para o desenvolvimento da evangelização.

No mundo da mídia, a diversidade é a mais ampla possível e a variedade, a mais prolífera e veloz que já aconteceu na humanidade. De fato, alguns autores chegam a afirmar que se trata de algo inédito na humanidade e que “a revolução digital é hoje a última revolução comunicativa que alterou, pela primeira vez na história da humanidade, a própria arquitetura do processo informativo”.¹ Basta olhar para o volume, a complexidade de diferentes áreas que compõem a sociedade no mundo atual. Desde a evolução e o aperfeiçoamento do que se chama *hardware*, das máquinas em si, para as novas maneiras de produzir conhecimento, cultura,

1 DI FELICE, Massimo. Pós-complexidade: as redes digitais vistas a partir de uma perspectiva reticular. *Revista IHU*, 12/11/2011.

o desenvolvimento para o mercado com *marketing* sempre mais sofisticado, incluindo a modificação de produzir conteúdos, por exemplo e também, as novas maneiras de consumir produtos.

A internet tem trazido mudança na produção da informação, provocando a passagem de um número limitado de formas (unidades) de informação para um número ilimitado de formas e tamanhos (*websites*), mesmo com critérios de formatos, plataformas *standard* de texto ou imagens. Isto resultou em enorme crescimento do volume de informações, dados (*data*) e arquivos, novas formas de autoria individual (*blogs*, *vlogs* etc) e também coletiva (*Wikipedia*), levando o criador da *World Wide Web*, Tim Berners-Lee, a colocar para nós a possibilidade de interagir em todos os níveis.²

O fato é que a mídia avança cada vez mais, ocupando espaço na vida das pessoas. A circulação da informação, por exemplo, faz emergir novos ambientes. E a evolução desses novos ambientes midiáticos propiciam tanto a maior circulação dos conteúdos como também permitem às pessoas participarem dos processos de elaboração e de distribuição dos conteúdos. É fato crescente e verificável, então, que a tecnologia vem ocupando praticamente todos os espaços no dia a dia das pessoas, e estas interagem. Assim, os formatos de mídia se veem obrigados a acompanhar esses avanços tecnológicos e a comunicação passa por mudanças significativas.

As redes sociais, por exemplo, permitem que seus usuários façam muitas vezes o papel de repórter e propaguem informações praticamente em tempo real, função anteriormente restrita aos jornalistas. Isso não significa, no entanto, que o jornalismo perdeu importância, tampouco que não haja espaço no mundo virtual para o bom e velho fazer jornalístico. O desafio agora é encontrar novas formas de marcar presença no cotidiano do público, acompanhando a velocidade cada vez mais intensa das informações.

² Cf. COULDRY, Nick. *Media, Society, World: social theory and digital media practice*. 3 ed. Cambridge (UK): Polity Press, 2013. p. 10.

Na verdade, os saltos tecnológicos das últimas décadas têm sido cada vez mais velozes, e a internet (sempre em evolução) já ocupa o espaço de todas as áreas da sociedade, introduzindo, sem dúvida, transformações nas áreas financeiras, políticas, na produção de bens culturais, mas também na área das ciências sociais, humanas, da religião, enfim dos relacionamentos; a verdadeira revolução, talvez, seja mesmo a das relações. Com o domínio da internet, muito brevemente se poderá dizer que todo o mundo estará conectado. Isso atinge e provoca mudanças nas relações humanas, pois elas também vão se globalizar. Daí que as pessoas precisarão se adaptar, até se “reinventar” para conseguir acompanhar o ritmo das transformações em todas as áreas. Este é o mundo da mídia, que avança e “reina” independentemente de nossa vontade. Para a evangelização realizar o diálogo entre fé e cultura, impõe-se o imperativo do *aggiornamento*, mas também do discernimento.

Se quisermos outro exemplo, é perceptível constatar que *marketing* e comunicação perceberam que o público já não se aglomera na frente de simples aparelhos de tevê, ou passa horas folheando jornais e revistas, ou ouvindo o radinho em estádio de futebol. Ainda que distantes das chamadas mídias tradicionais, as pessoas estão mais informadas e, mais do que isso, interagem com outras. É uma avalanche de celulares, *tablets*, *notebooks* e outros *gadgets* com acesso à web.

Considerando o quadro evolutivo da trajetória da comunicação, mencionado brevemente, e a provocação que a cultura midiática cria e recria na sociedade hoje, damos conta de que algo, nunca vivido anteriormente, está se passando e “forjando um novo sujeito” na sociedade, onde permanecem necessidades fundamentais do ser humano, mas modificam-se rápida e profundamente a sua forma de se relacionar. É o que constitui o aspecto antropológico-cultural

da mensagem de Bento XVI em seu tema “Novas tecnologias. Novas relações”, para o 43º Dia Mundial das Comunicações (2009).

Colocada no contexto da “pós-modernidade”, a comunicação não se restringe mais a um único setor da atividade humana (aquele dos meios de comunicação social). Ela inaugura o advento de um *complexo modo de viver*, redistribui e interage com a cotidianidade das pessoas, onde se constroem os significados através das formas simbólicas e da diversidade da linguagem da mídia. Já advertia André Lemos a respeito do ciberespaço como um novo ambiente que cria uma nova relação entre a técnica e a vida social;³ espaço onde se encontram as culturas e os vários modos de pensar, de agir, de sentir.

Portanto, não se trata simplesmente de adquirir um novo computador. A mudança consiste em uma passagem de uma “ideia” que possuíamos até o momento a respeito do texto, da leitura. Dá-se uma mudança de método, isto é, escrever não é mais oferecer simplesmente uma mensagem pronta que comunica a intenção do autor, mas oferecer material para o trabalho do leitor, que, agora, se transforma em “autor”. Muda-se a forma de produzir. Muda, então, a função do chamado receptor. É o usuário que se serve, como deseja, dos produtos de consulta; pode escolher segundo os seus gostos e desejos. Assim, especialmente a hipermídia, favorece o desenvolvimento da interatividade de forma extraordinária. Trata-se não apenas de uma “novidade” a mais no mercado e, sim, de novas linguagens que já se encontram, progressivamente, na área da educação. Você pode perceber isto através dos cursos a distância que estão proliferando de forma crescente em todo o país. Chegamos a uma etapa na qual cada pessoa se transforma em um “nó” comunicativo coligado a todos os outros. Nessa perspectiva, não se poderá mais viver senão “em rede”.

Na *fase industrial*, e como *característica da modernidade*, temos a *Cultura de Massa* como uma “profusão ilimitada dos

3 LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

signos”. Ligada ao processo de desenvolvimento industrial e urbano, a comunicação de massa inicia a produção de um produto industrializado e hegemônico. Consequentemente temos uma cultura hegemônica. Neste contexto, a comunicação de massa *se transforma em produção e transmissão* de formas simbólicas. É uma grande mudança, profunda, na sociedade, porque a comunicação de massa, como forma simbólica, começa a mediar a “cultura moderna”. É a fase industrial.

Já na pós-modernidade a comunicação chegou a constituir-se como uma nova ambiência, um conjunto de valores, uma forma nova de viver, de nos movimentar, de nos socializar. E isto é, do ponto de vista antropológico (nossas crenças, nossos estilos de vida, nossos costumes etc.), uma cultura midiática (é bom sempre lembrar o que foi mencionado anteriormente sobre a evolução do conceito mídia), isto é, a comunicação que realmente se constitui em um elemento articulador que gera, administra, sustenta, desenvolve e ancora todos os aspectos de vida/sociedade que vivemos na sociedade contemporânea.

Enfim, ousamos dizer que estamos submersos na cultura midiática, especialmente porque “as novas tecnologias da comunicação nos colocam em um novo território de vivência humana, em que a mente se encontra imersa em um mundo virtual, circunscrita a várias dimensões e mescladas de conexões inter-humano-digitais, mediada por complexo sistema de informações em crescimento exponencial acelerado” (BOCCARA apud GOSCIOLA, 2003).⁴

Sem dúvida estamos diante de uma “revolução perceptiva e cognitiva”, em que a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização etc.), cria de forma crescente uma nova relação entre a técnica e a vida social que denominamos de cibercultura (LEMOS, 2002). Participamos, assim, de uma realidade nunca antes vivenciada, a do *Homo media*,

4 Ernesto G. Boccara, na apresentação do livro *Roteiro para as novas mídias*. Instituto de Artes da Unicamp.

como afirma Vicente Gosciola (2003), entendida como aquela em que “o ser humano não só está entre os meios de comunicação, mas interage com eles e neles interfere”.

Trajectoria das principais formas de comunicação

Uma passagem rápida pelas principais formas de comunicação nos ajudarão a compreender e a situar-nos no cenário das formas de comunicação que se destacam como três grandes modelos (dos quais derivam outros, sem dúvida!). Tais tipos de comunicação implicam a mudança de mentalidade. São eles: a comunicação dialógica presencial; a comunicação de massa; a comunicação dialógica não presencial.

É preciso considerar, entretanto, que o surgimento de um novo modelo comunicacional não representa o desaparecimento do anterior. Ao contrário, representa a ampliação de formas comunicacionais e novas combinações da comunicação na sociedade. Portanto, além de procurar entender os nexos de um modelo comunicacional específico, é preciso ver também qual o papel que o mesmo desempenha na relação com os outros modelos ou tipos de comunicação.

- *Comunicação dialógica presencial* – aquela que chamamos de interação face a face e que percorre largos tempos históricos para chegar até aqui. Nesse tipo de interação, os integrantes estão presentes de forma direta um para o outro e compartilham de uma estrutura espaço-tempo comum; em outras palavras, a interação acontece num contexto de copresença. A interação face a face é “dialógica” tipicamente, no sentido de que geralmente implica um fluxo comunicativo e informativo de duas vias; um dos indivíduos fala com o outro (ou outros) e a pessoa a quem ele se dirige pode responder (pelo menos em princípio), e dessa forma o diálogo se desenrola (BRITTO, 2009).

Ao permitir a interação, o diálogo, este modelo foi e é fundamental para o desenvolvimento de todo o

pensamento humano, se compartilharmos a visão de que o mesmo se dá a partir do conflito de ideias e de seu aprimoramento. É nesse processo que evolui o pensamento e, conseqüentemente, a própria pessoa. Em síntese, apesar do surgimento de novos modelos comunicacionais, o modelo dialógico presencial é o fundante e decisivo para dar a tônica ao todo comunicacional. Os demais modelos buscam de alguma forma simulá-lo. Por isso, os modelos seguintes têm sempre presentes elementos dele (mesmo que não sejam completos), pois dependem da repercussão da comunicação realizada neste modelo todas as demais pretensões de comunicação.

- *Comunicação de massa* – é o modelo da comunicação nas chamadas *mídias tradicionais de massa*, o qual envolve cinema, rádio, televisão. Teve papel marcante no século passado e ainda é o principal referencial de comunicação na sociedade atual. As características fundamentais deste modelo são: comunicação mediada pela técnica; ausência de diálogo, apesar de existir troca de sentidos. É altamente monológico. Não tem o mesmo nível de reciprocidade e de especificidade interpessoal de outras formas de interação, seja mediada, seja face a face. Superou fronteiras geográficas e culturais, transformou a circulação de bens simbólicos num grande mercado, com crescente importância econômica e com influência social indiscutível.

É importante notar que, neste modelo, se desenvolve a *unilinearidade* do Emissor para o Receptor (o *feedback* é muito restrito e somente para realimentar a fonte); portanto, praticamente não há interatividade. Há o consumo. Observamos que quase todos os métodos de ensino, de pastorais, enfim, da sociedade em geral e, desse modo, das mais variadas instituições, estão baseadas nessa unilinearidade (poderíamos dizer assim: uni = único, línea = linha, portanto, linha única de A para B).

- *Comunicação dialógica não presencial* – tem origem recente e, por isso, revela-se como elemento novo, que reestrutura o todo comunicacional em outros termos, já que tem influência crescente. Observemos que volta a palavra *diálogo*.

A marca essencial deste novo modelo é a combinação da relação dialógica com a mediação técnica, permitindo a simulação do primeiro modelo de comunicação por cima de barreiras de tempo e espaço. Temos, então, a cultura digital. Os cursos a distância, por exemplo, são um diálogo não presencial. Os bate-papos, as redes sociais etc. são um diálogo não presencial.

É preciso dizer que este novo modelo guarda as características mais positivas de seus precedentes: a questão dialógica como construtora do desenvolvimento do conhecimento e da subjetividade e a mediação das técnicas permitindo superar barreiras geográficas. Entretanto, é preciso ressaltar, também, o que ela não contém: a presença, fator importante da confiabilidade dialógica; e a difusão ampla, própria do modelo de comunicação de massa (BRITTO, 2009).

O *ciberespaço* é a dimensão social em que se realiza este novo modelo de comunicação, através de *chats*, *e-mails*, teleconferências, listas de discussão etc.

A *cibercultura* é a nova forma da cultura. Entramos hoje na cibercultura como penetramos na cultura alfabética há alguns séculos. Entretanto, a cibercultura não é uma negação da oralidade ou da escrita, mas o prolongamento destas; a flor, a germinação, como afirmou Pierre Levy na apresentação do livro de André Lemos, citado já neste texto.

Desafios fundamentais? Ou apenas “troca de máquinas”?

Assim, todas as teorias que buscavam refletir sobre o modelo dialógico presencial, sobre o modelo de comunicação

de massa ou sobre a relação de ambos *estão agora desafiadas a entenderem o novo modelo e levá-lo em conta na nova configuração do todo comunicacional (uma nova visibilidade)*, procurando iluminar suas ligações e o papel de cada modelo dentro dela.

Na verdade, cultura digital ou cibercultura são nomes que marcam a cultura contemporânea, especialmente a partir da década de 1970, com o surgimento da microinformática. É a microinformática que vai dar o tom planetário, “que ganha uma dimensão mais radical com o surgimento das redes”, afirma o pesquisador André Lemos (2002, p. 137).

No dizer do sociólogo, é, então, essa cultura do telefone celular, dos computadores, das redes, dos micro-objetos digitais que funcionam a partir do processo eletrônico digital. Em outras palavras, a cibercultura seria a cultura contemporânea, em que os diversos dispositivos digitais já fazem parte da nossa realidade. Não raro, ao falar de cibercultura, tem-se uma ideia futurista, uma ideia de ficção científica. Mas na realidade trata-se da cultura hoje marcada por essas ferramentas eletrônicas (LEMOS, 2002). É só olhar ao nosso redor!

Mas o que realmente mudou? Houve uma alteração na nossa relação com os objetos técnicos na atualidade, diz Lemos, ou seja, pela primeira vez, talvez, temos o digital, a dimensão técnica colocada à dimensão da comunicação. Por isso, a importância de considerar que se trata de tecnologias não apenas da transformação material e energética do mundo, mas elas permitem a transformação comunicativa, política, social e cultural. Pois conseguimos, segundo Lemos, transitar informações, bens simbólicos, não materiais, de uma maneira inédita na história da humanidade.

Daí o *ciberespaço*: o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. A comunicação acontece através de mundos virtuais compartilhados: internet, interatividade, realidade virtual, *blog*, *podcast*, redes sociais (*network...*).

Interação, palavra-chave no mundo da mídia digital

As mídias sociais estão, progressivamente, mudando a comunicação, ou seja, a sua própria natureza. Até o Papa Bento XVI reconheceu esta mudança em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações (2011). Perceber a mudança, as transformações da cultura midiática, contribui para transformar nossa mentalidade, uma vez que não é mais possível dialogar com as pessoas de hoje, principalmente as novas gerações, se não estivermos *dentro* da cultura digital. Isto exigirá mudança de métodos na própria evangelização.

Portanto, diante da complexidade do que significa mídia, da sua evolução de conceitos e paradigmas, é preciso considerar o surgimento de uma *novonca de09 -*

(ã9 - (m)-2. (r)-139 TJ3 Tw 20.3 0 Tdn)-7 (o)19. (u)-30 (2. (r. (ã)3. (o)10 (ã)3. (a)-2)-22 -23 (a

Segundo Spadaro, as redes sociais não expressam um conjunto de indivíduos, mas um conjunto de relações entre os indivíduos:

O conceito-chave não é mais a “presença” na Rede, mas a “conexão”: estando presente, mas não conectado, se está “só”. Se eu interajo, eu existo. O indivíduo entra na Rede para experimentar ou ampliar de algum modo a proximidade/vizinhança. Deve-se, portanto, entender como o conceito de “próximo” evolui a partir da Rede.⁵

Importante perceber que a lógica da internet implica que o conhecimento passa pela relação:

A web 2.0 é uma rede de relações, o conteúdo não é comunicado através da transmissão, mas por compartilhamento. Se um conteúdo é transmitido, ele não é conhecido, mas se é compartilhado, sim. Exemplo: no meu blog, se eu publicar e deixar apenas ali, poucos irão ler. Já tentei fazer isto. Mas seu eu postar no Twitter, imediatamente mais de 2000 pessoas irão ler no mesmo dia.⁶

Parte II

A primeira provocação (ou desafio) que o diálogo entre fé e cultura nos coloca, na nova evangelização, depende da nossa absorção, e não somente de nosso entendimento e compreensão, *mas de fazer a passagem de modelos, de métodos pastorais que já não subsistem*, que já não dialogam mais com a cultura atual. É isto que Bento XVI, numa compreensão profunda da cultura digital, diz: “está nascendo uma nova maneira de aprender e de pensar. É aqui o nó da questão! Uma provocação!”.

- *A consciência do SER e do ESTAR* na sociedade contemporânea. Trata-se de conhecer o mundo da mídia. Certamente não se pretende ser especialista, mas também não meros “operadores de instrumentos”, de programas *softwares*. Muitas escolas, inclusive de religiosos(as), possuem seus

5 CF. SPADARO, Antonio. *Ciberteologia*. São Paulo: Paulinas, 2012.

6 Ibid.

laboratórios de informática que não vão além do ensino técnico aos estudantes. Perde-se, aí, uma grande oportunidade de evangelização, por desconhecer as possibilidades que as novas tecnologias oferecem. Assim lembra o documento *Igreja e internet*:

Hoje, todos precisam de algumas formas de educação midiática permanente, mediante o estudo pessoal ou a participação num programa organizado, ou ambos. Mais do que meramente ensinar técnicas, a formação midiática ajuda as pessoas a formarem padrões de bom gosto e de verdadeiro juízo moral, um aspecto da formação da consciência. Através das suas escolas e programas de formação, a Igreja deve oferecer uma educação midiática deste gênero (2002, 7).

O emergir das novas tecnologias, da mídia... implica perceber que elas exercem profundas intervenções na maneira de viver, de produzir, de ensinar, de aprender. Não se trata, portanto, de aceitar ou rejeitar. Há os que rejeitam... há os que aceitam... há os que são obsessivos. Aqui entram os “critérios”. Quando nos encontramos dentro do mundo da mídia, nossa vida religiosa, nossa identidade, nossa personalidade, nossos desejos, nossas curiosidades, nossa missão de evangelizar... tudo vem à tona. Uma das grandes questões que o mundo da mídia nos coloca é a provocação para interrogar-se sobre os “critérios” que regem a vida de cada um, o movimentar-se dentro de um universo sem fronteiras. Aqui entra o imperativo do equilíbrio nascido de uma formação humana, cristã e religiosa bem consolidada. Pois, quando falamos em novas linguagens/nova evangelização, não se trata de expor uma fenomenologia dos instrumentos da rede para a evangelização (ou como usá-los...). Não se trata também de uma reflexão puramente sociológica de como a internet trata a religiosidade. É algo mais profundo, isto é, a lógica da rede assinala o modo de pensar, conhecer, comunicar, viver.⁷

7 Ibid.

que chegue fisicamente o repórter a um determinado lugar para fazer a cobertura, pois, enquanto vai, alguém já enviou a notícia ao jornal pelo *WhatsApp*, e assim por diante – o povo começa a se tornar jornalista.

Ao lado desse exemplo que tem somente a intenção de tornar mais clara a mudança de processos comunicativos, podemos pensar também em nossas revistas, por exemplo, que devem estar cada vez mais conectadas com outras interfaces. Não é mais possível produzir uma revista que seja só do estilo de emissor e receptor (leitor) unilinearmente. Assim também nossos sites religiosos, na maioria das vezes, se limitam apenas a colocar em movimento (eletrônico) aquilo que já está no papel, como se fosse uma vitrine em movimento. É preciso que haja um espaço para a interatividade. E esta deve ser estimulada. Muitos sites são até muito bem ilustrados, mas não passam de uma vitrine vocacional, onde simplesmente se apresenta a Congregação Religiosa e suas obras, por exemplo. Já é um passo, mas precisa ir além de somente informar; é necessário abrir espaço para a interconexão, a interatividade. Por isso que o Papa Bento XVI já nos dizia na mensagem para o Dia Mundial das Comunicações (2013):

quero deter-me a considerar o desenvolvimento das redes sociais digitais que estão contribuindo para a aparição de uma nova ágora, de uma praça pública e aberta onde as pessoas partilham ideias, informações, opiniões e podem ainda ganhar vida novas relações e formas de comunidade. Estes espaços, quando bem e equilibradamente valorizados, contribuem para favorecer formas de diálogo e debate que, se realizadas com respeito e cuidado pela privacidade, com responsabilidade e empenho pela verdade, podem reforçar os laços de unidade entre as pessoas e promover eficazmente a harmonia da família humana.

Para levar em conta e praticar o que o Magistério da Igreja nos adverte sobre a importância dos *social media* como novos espaços de evangelização, é preciso, porém, estar abertos para o pluralismo, que, por vezes, nos desinstala e

até desconcerta, mas que já foi reconhecido pelo Concílio Vaticano II, se quisermos desenvolver o diálogo entre fé e cultura. Ter percepção do novo tipo de gerações que vem surgindo, mas compreender que a lógica que as alimenta já não é mais aquela com a qual muitos de nós fomos educados. Às vezes nos firmamos em “valores” que nem mesmo nós praticamos, mas os ostentamos para assegurar nossa “autoridade”. É preciso sempre distinguir que fé, valores... seja na educação (formação), seja na evangelização, passam por *processos comunicativos* que estão em contínua mudança e que podemos expressar assim: novas maneiras de aprender, novas maneiras de ensinar, nova maneira de pensar (novas lógicas). Deus, a fé, não mudam. Muda a sua percepção.

Assim, faz-se urgente descobrir a maneira cristã de estar na rede, por exemplo, pois,

se a Boa-Nova não for dada a conhecer também no ambiente digital, poderá ficar fora do alcance da experiência de muitos que consideram importante este espaço existencial. O ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade cotidiana de muitas pessoas, especialmente dos mais jovens (BENTO XVI. *Dia Mundial das Comunicações*, 2013).

Para nós, emerge vigorosamente a necessidade de fazer com que a rede amadureça de lugar de conexão para lugar de comunhão, diz Spadaro.¹⁰

Conclusão

Iniciamos este artigo abordando a importância de realizar o diálogo entre fé e cultura, já mencionado por Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*. Queremos concluir com as palavras de São João Paulo II, na Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita consecrata* (1996, n. 98), como um dos fatores indispensáveis para a vida religiosa hoje, no diálogo com o mundo: “No seio da Vida Consagrada há necessidade de um *renovado amor pelo empenho cultural*, de dedicação ao estudo”. E o documento

10 SPADARO, Antonio. *Quando a fé se torna social*. São Paulo: Paulus, 2016.

Perscrutai afirma que “é motivo de profundo pesar que tal imperativo não seja sempre acolhido e ainda menos recebido como exigência de reforma radical para os consagrados...” (*Perscrutai*, Ano da Vida Consagrada, 2014, n. 9).¹¹

E as recentes palavras de Francisco na *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, referindo-se ao “pragmatismo cinzento” que pode se apoderar da Igreja, no qual “tudo procede dentro da normalidade”, mas que deteriora a fé, pode também desenvolver em nós “a psicologia do túmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu” (EG, 83). Isto acontece quando resistimos à mudança de mentalidade, damos por descontado o aspecto cultural na vida religiosa e não avançamos para além de simples “usar” os meios de comunicação, sem o esforço para perceber a nova lógica que está se estabelecendo.

Não poderiam ser mais apropriadas as palavras de Bento XVI aos participantes da assembleia geral do Pontifício Conselho das Comunicações Sociais (e certamente para nós, evangelizadores!), ao afirmar:

Não se trata somente de exprimir a mensagem evangélica na linguagem atual, mas é preciso ter a coragem de pensar de maneira mais profunda, como aconteceu em outras épocas, a relação entre a fé, a vida da Igreja e as transformações que o homem está vivendo. É o esforço para ajudar todos que são responsáveis pela Igreja a serem capazes de entender, interpretar e falar a “nova linguagem” das mídias na função pastoral, em diálogo com o mundo contemporâneo (...).¹²

Somente assim poderemos repetir e vibrar com as palavras de Francisco: “Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!” (EG 83).

11 Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. *Perscrutai*, Vida Consagrada. São Paulo: Paulinas, 2014.

12 Em 28 de fevereiro de 2011.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em grupo:

A partir das considerações aqui apresentadas, refletir sobre atitudes e práticas em nível pessoal, comunitário, de Província e de Congregação:

- 1) Como nos relacionamos com o mundo da mídia na sociedade contemporânea?
- 2) O que significa cultura digital? Como compreendemos que esta exige uma mudança de mentalidade para podermos realizar o diálogo entre fé e cultura?
- 3) Damo-nos conta de que nós, religiosos e religiosas, também precisamos repensar muitos de nossos métodos pastorais para sermos evangelizadores hoje?
- 4) Qual o interesse sobre a importância de uma educação para a comunicação?

Um desafio profético para a VRC

Estar a serviço da vida e da saúde

MARISA INÊZ MÓSENA*
LEO PESSINI**

*Vai e faze tu o mesmo”
(cf. Lc 10,37)*

* Marisa Inêz

Móseña é religiosa Ministra dos Enfermos de São Camilo (camiliana); bacharela em Serviço Social pela UNISINOS/RS e em Ciências Religiosas pela PUC/RS; mestranda em Ética Teológica pelo ISI/BH; e especialista em Bioética e Pastoral da Saúde pelo Centro Universitário São Camilo/SP. **E-mail da autora:** mosenas33@yahoo.com.br.

** Leo Pessini é religioso camiliano. Doutor em Teologia Moral/Bioética e professor do programa de pós-graduação em Bioética (mestrado e doutorado) do Centro Universitário São Camilo (SP). É autor e organizador de inúmeras obras no âmbito da Bioética e Humanização da Saúde. Atualmente é o Superior Geral dos Camilianos (2014–2020). **E-mail do autor:** lpessini@uol.com.br

Deus, em sua infinita ternura e misericórdia, cuida de nós, religiosos e religiosas. Ao mesmo tempo, ele nos coloca diante da vida ferida, ameaçada, desprezada, banalizada.

Dessa forma, a Vida Religiosa Consagrada assume como “sua” a concretização do Evangelho da vida, tendo como prioridade o cuidado da vida e da saúde, consciente de que “os doentes são a pupila dos olhos de Deus” (S. Camilo).

O Papa João Paulo II aborda este tema na sua Encíclica *Evangelium Vitae* e pontua aspectos fundamentais da vida Humana. O Evangelho da vida está no centro da mensagem de Jesus. Amorosamente acolhido cada dia pela Igreja, há de ser fiel e corajosamente anunciado como Boa-Nova aos homens de todos os tempos e culturas.

Hoje, mais do que nunca, este anúncio torna-se particularmente urgente pela impressionante multiplicação e agravamento das ameaças à vida das pessoas e dos povos, sobretudo quando ela é débil e indefesa. Às antigas e dolorosas chagas da miséria, da fome, das epidemias, da violência e das guerras, vêm-se juntar outras com modalidades inéditas e dimensões inquietantes (cf. João Paulo II, Encíclica *Evangelium Vitae*).

Os maiores desafios que a bioética global tem defronte de si, hoje, relacionam-se com injustiças estruturais e

iniquidades sociais no âmbito da saúde e da assistência aos vulnerabilizados pela doença. O problema fundamental de nossa era é a persistência de doenças já completamente tratáveis e o crescimento da iniquidade, tanto no âmbito da ciência quanto no econômico.

O desafio situa-se em promover uma agenda para a justiça global. Antes de focar em tecnologias sofisticadas ou questões complexas, necessita-se desenvolver uma bioética social que enfoque as questões estruturais de injustiça, marginalização e exploração de populações vulneráveis. Os que se beneficiam da globalização são uma minoria abastada, e com o empobrecimento espantoso de milhões de pessoas!

Esta reflexão introdutória a respeito de uma questão supercomplexa, ou seja, a relação e as implicações hoje da Vida Religiosa Consagrada com o Mundo da Saúde, é feita a quatro mãos, por uma religiosa Ministra dos Enfermos (Marisa) e por um religioso camiliano (Leo), tendo como base de reflexão a obra *Bioética em tempos de globalização: a caminho da exclusão e indiferença ou da solidariedade*, de autoria de um dos autores (Leo Pessini et alii. São Paulo, Edições Loyola, 2015).

A Vida Religiosa em sua origem e multiplicidade de carismas

Desde a origem a Vida Religiosa Consagrada sempre foi uma profecia, já com os primeiros monges do deserto, quando se rebelaram contra uma Igreja pomposa e infiel à sua origem e buscaram a autenticidade dos ensinamentos do Senhor.

A Vida Religiosa Consagrada tem sido a referência, a ponta de lança e, pelo seu profetismo, denúncia de tudo o que é antívida e anúncio da Boa-Nova do Reino. Ela deu uma importante contribuição à preparação do Concílio Vaticano II e, como fermento na massa, se pode perceber significativos frutos na elaboração de seus documentos eclesiais. Ela sempre caminha em comunhão com a Igreja, mas se deixa

interpelar pelos clamores do povo (“sinais dos tempos”) sob o impulso inovador do Espírito Santo.

Ao Espírito Santo devemos eterna gratidão pela incontável abundância de Congregações e seus carismas no âmbito da Igreja. Ela é como uma videira com seus ramos podados e sempre produzindo frutos, à Luz do mesmo Espírito. Quando parece que tudo está morto e seco, eis que ressurge sempre numa primavera majestosa. Que singela maravilha!

O próprio Sínodo sobre a Vida Religiosa Consagrada relata a obra contínua e intensa do Espírito Santo, projetando luz sobre as Congregações e Ordens, que atualizam, no cotidiano da vida, os conselhos evangélicos e irradiam permanentemente, pela prática, o próprio mistério de Cristo presente na Igreja e na sociedade (João Paulo II, *Vitae Consecrata*).

O mandato de Jesus e a revelação do rosto misericordioso do Pai

Em sua ação reveladora do Reino de Deus, Jesus deixou as pegadas para os apóstolos. No dia da Ascensão, ele deu, claramente, o mandato sobre o que eles deveriam continuar realizando em seu nome, para tornar presente o Reino de Deus e revelar “o rosto misericordioso do Pai” a todas as pessoas de boa vontade.

Este mesmo mandato é atual e se renova para cada seguidor e seguidora de Jesus. Por isso, a Vida Consagrada, no decorrer dos tempos, sempre atraiu e atrai pessoas que desejam de forma profética seguir e imitar o próprio Jesus Cristo no seu estilo de vida. Os anos e os séculos passaram e ela sempre continuou a ter sua importância fundamental na sociedade e na Igreja.

A partir da experiência da ternura e da misericórdia de Deus, religiosos e religiosas, revestidos/as pelos mesmos sentimentos de Jesus, obedecendo à voz de Jesus, vão ao encontro daqueles que são os preferidos de Jesus, porque estes pequeninos, em particular os vulneráveis, são fragilizados

nas diferentes dimensões: bio, psico, espiritual, social e economicamente. Para nosso santo inspirador São Camilo, estes seres vulnerabilizados pela doença e pelo sofrimento “são as meninas dos olhos de Jesus”.

Jesus Cristo é o rosto misericordioso do Pai. Ele passou todo o tempo de sua breve vida revelando este rosto por suas palavras, por suas ações, por sua postura, em qualquer lugar que estivesse e com quem estivesse.

A continuidade desta missão, de revelar o rosto misericordioso do Pai, Jesus a deixou para todos, mas em particular para os religiosos e religiosas, quando afirma: “tudo o que fizestes ao menor dos meus irmãos, foi a mim que o fizestes” (cf. Mt 25,40). Como Jesus, “respeita, defende, ama e serve a vida, cada vida humana!” (*Evangelium Vitae*, n. 2).

Na prática das obras de misericórdia corporais e espirituais podemos, ao mesmo tempo, encontrar e revelar o rosto de Jesus, que é a revelação do rosto misericordioso e compassivo do Pai. Nesta revelação – do encontro da misericórdia com o mísero – nasce a experiência do amor de um Deus que se inclina sobre quem espera um olhar de ternura, um olhar de esperança.

A Beata Madre Maria Domingas, ao recomendar os doentes às Irmãs Ministras dos Enfermos, afirmava que Jesus queria ser buscado, encontrado, amado e servido em cada doente, pois neles se revela o rosto mesmo do próprio Cristo, que é o rosto misericordioso do Pai (Constituição Ministras dos Enfermos de São Camilo. Art. 52).

A Vida Consagrada, quando profética e comprometida com a vida e saúde dos mais pobres, dignifica a humanidade

A pessoa humana é chamada a uma plenitude de vida que se estende muito além das dimensões da sua existência terrena, porque consiste na participação da própria vida de Deus (João Paulo II, *Evangelium Vitae*, n. 2).

Cada pessoa, independentemente de etnia, posição social, estética, aparência, tem um valor infinito para Deus, porque “criada à sua imagem e semelhança” (cf. Gn 1,26). Ratifica este valor incomparável da pessoa humana o fato mesmo da Encarnação do Verbo, Mistério no qual o próprio Deus, em Jesus seu Filho único, assume em tudo, exceto no pecado, a nossa condição humana (cf. Jo 1,1)”.

Resgatar cada pessoa – imagem de Deus –, devolvendo-lhe a dignidade, pelos gestos de amor, ternura, cuidado, é tarefa imprescindível e sempre atual da Vida Religiosa Consagrada. Este amor visceral que convulsiona o coração das pessoas consagradas, como em Jesus, que se comoveu vendo a multidão como ovelhas sem pastor, tem o poder de fazer brotar de dentro de cada pessoa a força restauradora da vida (cf. At 10,38).

Como Vida Religiosa Consagrada, o serviço do cuidado da vida e da saúde é tarefa “implícita ao chamado” no seguimento de Cristo. Independentemente do Carisma de cada Instituto, sempre haverá uma parte de herança “no cuidado de cada criança que nasce e de cada pessoa que morre”.

Por sua essência e identidade, a Vida Religiosa Consagrada, impregnada pelo Evangelho de Jesus Cristo, a exemplo dele continua sendo a especialista em revelar “o rosto misericordioso do Pai”. Consagrados/as por Deus, na Igreja, homens e mulheres professam viver em fidelidade e radicalidade a prática das obras de misericórdia no tempo e no espaço.

Jesus mesmo confessa a que veio: “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (cf. Jo 10,10). A Jesus interessa que todas aquelas pessoas que escutam o seu chamado vivam e atuem sob esta bandeira, fazendo de sua vida uma permanente luta pela promoção e proteção da vida sob todas as suas formas.

Hoje, mais do que nunca, até mesmo ao nosso lado, vemos tantas práticas antívida, pelo triunfo do capitalismo selvagem globalizado em suas diversas expressões, entre as quais o consumismo, a soberania do econômico em detrimento da pessoa, a qual somente tem valor pelo que produz e consome.

A Vida Consagrada é testemunha da solidariedade samaritana

Ante as inumeráveis e graves ameaças contra a vida de nosso tempo, facilmente nós, consagrados, poderíamos nos sentir desanimados e dominados por um sentido de impotência insuperável: jamais o bem poderá ter força para vencer o mal (cf. *Evangelium Vitae*, 29)!

Por esta hora escutamos uma voz ecoando de dentro de nosso coração: vai e faz tu o mesmo (Lc 10,25-37). Nesta passagem Jesus revela a si mesmo. Como ele é, quem ele é, como ele procede e se torna um espelho para cada um de nós. Nela resume maravilhosamente duas realidades: Vai! O mandato de Jesus é claro, preciso e não deixa margem a dúvidas. É preciso *ir* – deslocar-se, “ser uma Igreja em saída” – para amar e fazer exatamente o que Jesus fez: gestos que curam, que salvam, que cuidam e fazem retornar à vida.

Para viver, perceber a pessoa “caída” à margem da vida, em qualquer situação que seja, a Vida Consagrada precisa estar com um olhar no Evangelho e um olhar na realidade. Esta é a atitude de vigilância, “como uma mãe viúva, cuidando do seu filho único enfermo” (São Camilo).

Jesus diz para ir, mas não somente isto: fazer o mesmo que ele fez. Nesta ordem de fazer o mesmo, Jesus expressa ainda mais claramente a tarefa específica, radical, profunda, singela da Vida Consagrada. Fazer o mesmo que Jesus fez.

Descer da montaria (sair de si mesmo); usar dos próprios recursos (do que é seu) – o óleo da caridade, o vinho da vida, o curativo da ternura. Limpar a ferida com o vinho, ungir com o óleo, olhar para o rosto do ferido, tocá-lo para que se sinta habitado pela presença reveladora do Pai Misericordioso. Não só, carregá-lo, deslocar-se até a hospedaria (mudar o curso do caminho); assumir as despesas, delegar ao hospedeiro o cuidado de mãe para com o ferido, retornar para celebrar a recuperação de uma vida preciosa.

Em cada gesto, Jesus revela o quanto é preciosa a vida para Deus. E são tantos gestos que expressam a tarefa da Vida

Religiosa Consagrada, que precisa ser humanizada para se tornar humanizadora. Uma Vida Religiosa Consagrada que abraça o universo e continua a missão do próprio Criador que cria e recria a vida, cuidando do ser humano e do Planeta, de onde emanam os recursos imprescindíveis à vida.

A Vida Religiosa Consagrada acorda para um tempo novo e para uma nova missão, a de viver e servir com compaixão samaritana. Ela é chamada a uma missão transformadora, pois estamos ouvindo o mundo clamar: “eles não têm mais vinho” (Jo 2,1-11).

A Vida Consagrada como promotora dos valores da ética da vida

Num mundo tão hostil e indiferente ante a vida vulnerabilizada pela pobreza, pela doença e pelo sofrimento, a Vida Religiosa Consagrada tem o desafio profético de ser a sensibilidade ética de proteção e defesa desta mesma vida. Onde não há mais vinho, a Vida Religiosa Consagrada é chamada a responder às grandes inquietações e interrogações da vida e da saúde, irradiando amor, compaixão, proximidade solidária e visão global da realidade.

Vivemos num momento histórico marcado “pela incerteza” e conseqüentemente nos deparamos com crescentes fundamentalismos e relativismos nas várias áreas do conhecimento humano. A reflexão bioética não ocorre alheia a este contexto maior que a condiciona. Uma das causas que faz com que o fundamentalismo cresça na área bioética é o não trabalhar e conseqüentemente negligenciar a questão antropológica, fundamental: “quem é o ser humano”. Esta é a pedra fundamental sobre a qual se fundamenta todo e qualquer paradigma bioético, no seu conteúdo e teoria, bem como nas suas opções concretas.

Temos como desafio tentar colocar juntas as ciências que lidam com o ser humano, elaborando um mapa das antropologias relevantes para a bioética. De modo geral, podemos distinguir as antropologias em teocêntricas e

antropocêntricas. As antropologias teocêntricas ou transcendentais (o ser humano como um ser espiritual) incluem as principais religiões da humanidade, sejam do Ocidente ou do Oriente. No cristianismo, a “eminente dignidade do ser humano” é consequência de sua filiação divina, como criatura, “imagem e semelhança de Deus”.

A saúde, dom maravilhoso de Deus e responsabilidade da Vida Religiosa Consagrada

Nesta imagem e semelhança de Deus, o ser humano recebe também a saúde como dom. A doença não é vontade de Deus. São muitos fatores que interferem na ruptura do equilíbrio holístico da pessoa, expondo-a a uma situação de vulnerabilidade, de baixa imunidade, fatores que contribuem para o adoecimento do ser humano.

A saúde é dom de Deus; o dom de curar também é dom de Deus. Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança para o louvor de sua glória. Quando ele é atingido em suas dimensões pelas diferentes vicissitudes da vida, pela via de qualquer uma delas – biológica, psicológica, sociológica, cultural e espiritual, o ser humano adocece e necessita de um cuidado holístico – total.

Diante disso, a Vida Religiosa Consagrada encontra dentro de seus carismas pessoais e congregacionais uma gama sem fim de recursos “em cuidar-se para cuidar”. Nessa perspectiva encontramos inúmeras fontes de cura na própria natureza, através de pessoas que desenvolvem as práticas alternativas e integrativas – com os recursos da própria natureza: terapia da água, da argila, da acupuntura, da luz, das cores, dos aromas acompanhadas pela fé, pela prática da espiritualidade e comunhão com Jesus, o médico por excelência.

Estas práticas de cuidar da vida e da saúde encontram grande apoio organizacional na Pastoral da Saúde, luminosa fonte de orientação e fundamento na Sagrada Escritura, bem como nos valores ancestrais das mais diferentes culturas. Mas não podemos hoje dispensar a mediação do

conhecimento científico, sem o qual podemos cair em fundamentalismos naturalistas inconsequentes.

Vale dizer que à Vida Religiosa Consagrada, como profecia, testemunho e esperança, Deus confiou, de modo particular, este ser humano relacionado, dependente, vulnerável, frágil vaso de argila. “Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai... Mas *ide* antes às ovelhas perdidas da casa de Israel; e, indo, *pregai*, dizendo: É chegado o reino dos céus” (Mt 10,5-8). Ecoam, em nosso coração, as palavras de Jesus: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

A realidade da saúde do povo brasileiro hoje é simplesmente trágica. A saúde que antigamente era vista como “caridade”, com a Constituição de 1988 passou a ser considerada “direito” (de todos os cidadãos brasileiros e dever do Estado. Mas onde está este Estado...?). Hoje a saúde virou simplesmente um “negócio”: quem tem dinheiro pode cuidar de saúde, quem não tem nada, acaba até morrendo nas infundáveis filas de espera dos postos de saúde, nas salas de espera de clínicas, de consultórios, em laboratórios. O mundo está doente, as pessoas clamam por saúde, que é o seu direito fundamental de viver. Amemos e coloquemos o dom de Deus em prática, como Jesus: “Eu vim para servir, não para ser servido” (Mc 10,45). Não somos chamados apenas a cuidar das pessoas quando já estão doentes, mas a missão mais imperativa é a prevenção. “É preciso cuidar da vida que há dentro da gente e em todo lugar; que saibamos cuidar da vida que há na terra e no mar” (cf. Osmar Coppi).

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em grupo:

- 1) Como estamos assumindo pessoalmente a tarefa do cuidado da vida e da saúde nas instituições de saúde, comunidades e institutos religiosos?
- 2) A CF 2016, sobre saneamento básico, é um grande apelo à conscientização do povo em termos de cuidado com um dos elementos mais importantes de saúde pública. O que temos feito em relação a esta questão? Enquanto estamos de braços cruzados, o Zika Vírus vai se proliferando e provocando muitas mortes e sofrimentos perfeitamente evitáveis.
- 3) A saúde humana está estreitamente ligada à saúde do meio ambiente e do Planeta. A Encíclica do Papa Francisco, *Laudato Si'*, tem sido profética nesse sentido. Como a estamos aplicando no dia a dia de nossas vidas?



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 135,00 (para o Brasil)
- R\$ 189,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <crbnacional.org.br>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 2863-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br

ou pelo telefone **(61) 3226-5540**

ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).